

**raia:
cartazes
políticos**

**bli
mun
da**

**viagem a
portugal**

**isidro
ferrer**

ciúme

Editorial 5

Que Lisboa queremos para o futuro?

Leituras 6

Sara Figueiredo Costa

Estante 15

Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

Cartazes políticos 21

Sara Figueiredo Costa

Dois olhares sobre Lisboa 28

Ricardo Viel

A Casa da Andréa Ciúme 39

Andréa Zamorano

Isidro Ferrer 45

Andreia Brites

And The winner Is... 70

Andreia Brites

Espelho Meu 73

Andreia Brites

Saramaguiana

Lisboa 77

Ricardo Viel

Agenda 87

Epígrafe 91

blimunda n.º 71, abril 2018

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença Creative Commons

**Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation**

Casa dos Bicos



Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm

Quando

a Península Ibérica se desprende dos Pirenéus, transformando-se numa ilha que navega, os moradores de Lisboa têm que abandonar a cidade por causa da sua iminente destruição – fruto do choque com o arquipélago dos Açores. Nessa história, contada por José Saramago no romance «A Jangada de Pedra», a capital portuguesa acaba por ser salva quando a rota de navegação da Península é misteriosamente alterada.

Atualmente, numa história de não-ficção que é escrita por milhões de pessoas, a cidade de Lisboa encontra-se num dilema. Como conciliar o turismo com a qualidade de vida dos seus residentes? Com o boom turístico dos últimos anos a cidade tem sofrido um rápido processo de alteração que tem como principal efeito colateral o encarecimento da vida dos seus moradores. Fala-se num progressiva expulsão dos lisboetas do centro da cidade fruto do mercado imo-

biliário inflacionado e da demanda por hotéis e alojamentos temporários.

Que Lisboa queremos para o futuro?

A Fundação José Saramago é uma das muitas instituições que se beneficia do volume, cada vez maior, de turistas em Lisboa. Isso não nos impede de sermos solidários com os movimentos cidadãos que contestam algumas po-

líticas habitacionais postas em prática e de olharmos com preocupação para o momento pelo qual a capital passa. Gostaríamos de participar num debate alargado em que se façam diagnósticos e se apontem possíveis soluções para o desafio em que se encontra.

Nesta edição, a Blimunda entrevista o urbanista Diogo Mateus, professor da Universidade Lusófona, que defende a necessidade de que um grande setor da sociedade reflita em conjunto sobre a cidade que queremos para o futuro. Como gostaríamos que Lisboa fosse daqui a 30 anos? O que devemos fazer para que isso aconteça? O que esperamos da nossa cidade e o que podemos fazer por ela?

A diferença da Lisboa da ficção de Saramago, o futuro desta cidade não está apenas nas mãos do destino. Cabe àqueles que nela vivem, aos que aqui trabalham e também aqueles que a visitam construir, em conjunto, o porvir.

E talvez o primeiro passo seja responder à pergunta: que Lisboa queremos para o futuro?

leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

O outro lado do turismo

Vítima do seu próprio sucesso, Residências ao Largo está ameaçada de despejo pelos herdeiros da Viúva Lamego.

há poucos anos, Lisboa começou a surgir nas páginas da imprensa internacional como o próximo grande destino turístico a descobrir, uma espécie de segredo bem guardado que se anunciava em muitas línguas, sempre destacando a pacatez e a pouca presença de outros turistas. O tempo passou e Lisboa é, hoje, uma das cidades mais procuradas por quem viaja, o que tem trazido óbvias vantagens económicas em certos setores da sociedade, muita renovação de edifícios e áreas, mas igualmente alguns debates acesos sobre o presente e o futuro de uma cidade onde já é muito difícil viver (as rendas subiram em flecha, bem como o preço das casas para venda, e muita gente está a ser despejada por senhorios interessados em fazer negócio com a especulação imobiliária) e onde a ideia de “segredo bem guardado” é apenas uma miragem. No jornal *i*, um artigo de Nuno Ramos de Almeida parte de um caso concreto da cidade, a renovação do Largo do Intendente e zonas adjacentes, para discutir as mudanças urbanas e sociais trazidas à capital portuguesa pela vaga de turismo.

«Quando, em setembro de 2010, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, anuncia que vai instalar provisoriamente a sede da autarquia no

número 27 do Largo do Intendente, num edifício pertencente aos herdeiros da viúva Lamego, fá-lo para dar força à intenção de recuperar aquela parte central da cidade. “É preciso romper o estigma e dizer a toda a gente que a praça do Intendente é parte integrante da cidade, que não é perigoso viver, trabalhar e investir aqui, que vale a pena usufruir desta praça que temos em pleno centro da cidade de Lisboa”, declarou o autarca. É inscrita no plano de ação de Lisboa uma verba de 12 milhões de euros. O objetivo é restaurar o pavimento, transformar edifícios públicos em equipamentos sociais, abrir um jardim de infância, renovar os edifícios para conseguir fogos de habitação a custos moderados. Menos de oito anos depois, esse plano transformou-se e as casas a custos moderados passaram a casas de luxo.

Uma das primeiras associações que vieram de novo para o bairro, as Residências ao Largo, que participou nas atividades culturais que mudaram a imagem do bairro e o tornaram apetecível para a especulação imobiliária, é vítima do seu próprio sucesso. Está ameaçada de despejo pelos herdeiros da viúva Lamego.»



A auto-exploração

La gente se vende como auténtica porque "todos quieren ser distintos de los demás", lo que fuerza a "producirse a uno mismo".

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han tem escrito regularmente sobre a sociedade de consumo, as novas formas de socialização e o modo como as relações laborais se alteraram nas últimas décadas. Em Portugal, a Relógio d'Água publicou recentemente *A Expulsão do Outro*, depois de ter publicado outros títulos do autor em anos recentes. Em Barcelona, no Centro de Cultura Contemporânea, Byung-Chul Han falou sobre domínio, individualidade e neoliberalismo para

uma plateia atenta, onde se encontrava o jornalista do *El País*, Carles Geli, que escreveu sobre o encontro no jornal.

«Autenticidad. Para Han, la gente se vende como auténtica porque “todos quieren ser distintos de los demás”, lo que fuerza a “producirse a uno mismo”. Y es imposible serlo hoy auténticamente porque “en esa voluntad de ser distinto prosigue lo igual”. Resultado: el sistema solo permite que se den “diferencias comercializables”.

Autoexplotación. Se ha pasado, en opinión del filósofo, “del deber de hacer” una cosa al “poder hacerla”. “Se vive con la angustia de no hacer siempre todo lo que se puede”, y si no se triunfa, es culpa suya. “Ahora uno se explota a sí mismo figurándose que se está realizando; es la pérdida lógica del neoliberalismo que culmina en el síndrome del trabajador quemado”. Y la consecuencia, peor: “Ya no hay contra quien dirigir la revolución, no hay otros de donde provenga la represión”. Es “la alienación de uno mismo”, que en lo físico se traduce en anorexias o en sobreingestas de comida o de productos de consumo u ocio.»



Fugir da santidade

La gente se vende como auténtica porque “todos quieren ser distintos de los demás”, lo que fuerza a “producirse a uno mismo”.

Luísa Costa Gomes regressa às livrarias com um novo romance, *Florinhas de Soror Nada – A vida de uma não-santa* (Dom Quixote). No Ípsilon, do Público, Isabel Lucas entrevista a autora. Um excerto:

«Temos Teresa, a protagonista, que anseia pela santidade e, numa espécie de epifania ou antiepifania que é a sua perda de fé, sublinha a sua “impotência perante o mal dos

bondosos”. Tudo se passa quando um padre humilha publicamente uma criança desprotegida...

Sim, é um sentimento que surge na sequência desse momento crítico que é o “Sermão à Ranhosa” [momento crucial no livro apresentado como “marco de uma inflexão sem retorno”] e se resume de forma simples: como é que se pode ver uma pessoa numa situação extraordinariamente embaraçosa e continuar a torturá-la com o argumento de que é para bem dela, em nome de toda uma série de racionalizações que rejeitam a situação humana, a situação da relação, e se propõe uma leitura iluminada ou segundo princípios? Este é um livro contra os princípios, contra as teorias absolutizantes em que o que é importante é o sistema, não o incidente. No fundo, contra o reino do preconceito.

Como em Teresa, há em todos os santos uma solidão que vem da rebeldia.

Pois, são rebeldes, e daí a sedução que exercem sobre o conformismo geral, que foi o que me seduziu. Eles propõem esse paradoxo, no livro tratado sempre como uma fonte de profunda insatisfação. Propõem um exemplo inalcançável. A capacidade terrível de resistir à tortura e ao sofrimento. Há uma imaginação do sofrimento e da tortura que acho muito contemporânea, da qual desapareceu todo o aspeto religioso e que é apresentada como espetáculo. Hoje temos dificuldade em ver um filme que não tenha uma cena explícita de tortura. As degolações do Daesh foram virais. O espetáculo é sedutor, há uma grande ambivalência em relação a isso, e as religiões, porque são estratégias de sedução de massa, aproveitam essa potência simbólica do sofrimento. A ideia de sofrimento na religião, sobretudo na católica, é sempre uma espécie de culpabilidade. Se as pessoas têm doenças, isso tem que ver com o pecado, ou porque não fizeram tudo bem. Deus está a marcá-las. Por isso é tão curioso o projeto dos santos. E o projeto dos santos é serem eles próprios os instrumentos da própria desgraça.»





Mulheres na banda desenhada

La figura de la mujer en las artes ha reclamado su espacio, y su representación ha dado pie a múltiples análisis y reflexiones.

tebeosfera é uma revista digital dedicada à banda desenhada, com artigos, estudos e ensaios que percorrem esta linguagem e algumas outras formas de expressão com ela relacionadas, como a ilustração, o cinema de animação ou o cartoon. No seu mais recente número, o dossier monográfico é dedicado aos estudos feministas, tema que até há uns anos se relacionava com a banda desenhada quase exclusivamente de um modo reativo, já que a presença de personagens femininas nas narrativas gráficas

era, na generalidade, marcada por uma visão masculina, e muitas vezes machista, da mulher, e que a publicação de autoras não era o facto mais comum no meio editorial. O que foi mudando no mundo também aqui se refletiu e a última edição de *Tebeosfera* assim o mostra, com artigos dedicados à representação e à autoria queer na banda desenhada, ao trabalho de várias autoras oriundas de países árabes de religião oficial muçulmana ou à historieta latino-americana. Num artigo de Joan Miquel Rovira, José Rovira Collado e Natalia Contreras de la Llave, sobre a história das diferentes vagas dos movimentos feministas através da banda desenhada, lê-se o seguinte: «Entre las más recientes reivindicaciones del feminismo, el reconocimiento de la igualdad en los distintos ámbitos de la cultura se ha convertido en una necesidad irrenunciable en la segunda década del siglo XXI. La figura de la mujer en las artes audiovisuales ha reclamado su espacio, y su representación ha dado pie a múltiples análisis y reflexiones. El mundo del cómic no ha permanecido ajeno a este necesario movimiento, y por fortuna encontramos cada vez más autoras y lectoras que reivindican sus derechos. Recientes polémicas, como la sucedida en el Festival de Angulema en 2016 al no incluirse a ninguna mujer entre las nominaciones a su Gran Premio, son solo una pequeña muestra de este movimiento imparable por la igualdad entre géneros.

Sin embargo, como primera idea, hemos de trabajar con el presupuesto de que el cómic, en general, sigue siendo un medio que mantiene un estereotipo patriarcal de dominación masculina en la gran mayoría de casos. Los estereotipos masculinos y femeninos se perpetúan cada vez más anacrónicamente y se mantiene un discurso tradicional de sumisión, de valores y roles que habitualmente son asignados a las mujeres, como pueden ser el cuidado, la sensibilidad, la debilidad, o donde encontramos una masculinización de personajes femeninos, creando algo similar a un vacío en el discurso de las mujeres.»



A biblioteca como autobiografia



Embalando a Minha Biblioteca
Alberto Manguel
Tinta da China
(tradução de Rita Almeida Simões)

Alberto Manguel tem escrito muito sobre bibliotecas, esses lugares idealmente ordenados por um catálogo, permitindo a localização dos livros independentemente do número de espécies que se encontram nas prateleiras, e igualmente lugares onde podemos abandonar a ordem e deixar a curiosidade vogar por entre estantes como quem deambula sem destino definido. No seu mais recente livro, o tema da biblioteca volta a estar no centro das páginas, mas às anteriores considerações sobre a infinitude da biblioteca enquanto ideia e à deambulação pela história do livro e das bibliotecas junta-se agora uma profunda melancolia, fruto da necessidade de desfazer a biblioteca pessoal.

Num antigo presbitério do sul de França, para onde se mudou há vários anos com o seu companheiro, Manguel recuperou as paredes e a estrutura de um celeiro para nela instalar a sua biblioteca, acreditando que seria aquela a morada definitiva dos livros que foi reunindo ao longo da vida. Por motivos que prefere não esmiuçar, mas que envolvem a burocracia francesa, o autor vê-se obrigado a desfazer esse lugar, empacotando cerca de trinta e cinco mil volumes com destino a um armazém temporário no Canadá. Os detalhes desta imposição só ao autor dizem respeito, e este não é um livro de denúncia ou azedume, mas antes uma reflexão

profundamente afetiva sobre o papel dos livros na biografia do autor e sobre o modo como a construção da biblioteca pessoal é não só um reflexo do seu dono como uma espécie de barómetro que lhe vai acompanhando os anos, as descobertas, as mágoas e as esperanças.

Numa das dez divagações que compõem este livro, escreve Manguel: «Perguntei a mim mesmo que circunstâncias me levaram a reunir a coleção prestes a ser depositada em mil e uma caixas. Que peculiaridade me fez agrupar estes volumes numa coisa parecida com os países coloridos do meu globo? Qual foi a origem destas associações cujo significado parecia dever-se a emoções esvaecidas e a uma lógica cujas regras já não recordo? E será que o meu eu presente reflete esse anseio distante? Porque, se toda a biblioteca é autobiográfica, então o ato de a embalar parece uma espécie de auto-obituário. Talvez estas dúvidas sejam o verdadeiro tema desta elegia.» (pg.52/53) Dialogando com Walter Benjamin e o seu ensaio «Desempacotando a minha biblioteca», Alberto Manguel percorre as estantes que já não existem, mas cujos caminhos e labirintos continuam presentes na sua memória e, mais do que isso, na sua identidade. Apreender o mundo através dos livros não é um isolamento, nem o modo único de o fazer, mas é a bússula essencial no percurso biográfico de um leitor: «A realidade imaginária dos livros contamina todos os aspetos da nossa vida. Agimos e sentimos sob a sombra de ações e sentimentos literários (...). Esta contaminação, este estilo de pensamento, à falta de expressão melhor, permite-nos acreditar que o mundo que nos rodeia é um mundo narrativo, e que as paisagens e os acontecimentos são parte de uma história que somos compelidos a acompanhar ao mesmo tempo que a criamos.» (pg.117) Separado da sua biblioteca, Manguel cede à tristeza e ao desencanto e na reflexão sobre essa separação que volta a encontrar alguma serenidade perante a vida. Se isto não é um exemplo sublime do modo como os livros nos salvam, que mais poderá ser?



FLORINHAS DE SOROR NADA

Luísa Costa Gomes
Dom Quixote

O novo romance de Luísa Costa Gomes tem como personagem central Teresa Maria, uma mulher nascida numa família da burguesia do interior de Portugal, na segunda metade do século XX. Entre o fascínio por Santa Teresa de Ávila, a fuga da vida que lhe é imposta e uma crise de fé que virá abalar todas as fundações narrativas, a história de Teresa Maria é também uma reflexão sobre o indivíduo e a sua relação com uma certa ideia de divino, muito mais opressora do que as imagens da harmonia espiritual tentam transmitir.



CAIR PARA DENTRO

Valério Romão
Abysmo

Com este livro, chega ao fim a trilogia *Paternidades Falhadas*, que começou com *Autismo* e prosseguiu com *O da Joana*. A relação entre uma mãe e uma filha já adulta é aqui o centro da narrativa, explorando as dificuldades e os abismos que podem existir num espaço como este, simultaneamente de afetos e desencontros profundos.



GEORGE E A LUA AZUL

**Lucy & Stephen Hawking
Presença**

No quinto livro desta coleção de aventuras e ciência George tenta motivar a sua vizinha e parceira de aventuras Annie a entrar numa nova aventura. Quando procura um novo mistério que a cativa George percebe que o seu pai, o cientista Eric, ainda não regressou da sua missão espacial. Tudo começa a ganhar forma e conteúdo, já que à imagem dos títulos anteriores, também neste o leitor encontra informações científicas que se encaixam na narrativa como artigos descobertos pelos protagonistas. O legado de Stephen Hawking é vasto e não há razão para se adiar um encontro tão promissor.



LA INOCENCIA

**Felipe Polleri
Rata**

Livro de memórias do escritor uruguaio, este *La Inocencia* cria um narrador que é alter ego do autor, exacerbando-lhe a raiva, a pouca apetência para as convenções e a vontade constante de não prestar contar a ninguém, nomeadamente sobre a forma de escrever: «No me fastidien ni con el estilo ni con la estructura: me estoy jugando la vida, carajo».



ALGUMA COISA TEM DE CHOVER

Karl Ove Knausgård
Relógio d'Água

O quinto volume da monumental saga de auto-ficção com que Knausgård abalou a literatura deste início de século chega à tradução portuguesa. Como aluno da Academia de Escrita, Knausgård prossegue o seu processo de auto-descoberta, olhando os fracassos de frente e fazendo deles matéria literária visceral, atravessada pela crueza dos factos e os constantes abismos emocionais.



COMEÇA NUMA SEMEANTE

Lara Knowles
e Jennie Webber
Fábula

Um poema sobre os ciclos da natureza acompanha o desenvolvimento de uma árvore desde que a semente pousa na terra. A delicadeza do texto, sempre na página da esquerda, é ilustrada com uma técnica descritiva e muito detalhada, quase científica, depurada no contorno e no pormenor e nos tons escolhidos. Cada detalhe preenche os vazios do texto acrescentando-lhes novas histórias. O final, para além da dobra surpreendente, oferece ao leitor o texto corrido e a informação sobre a espécie de árvore desenhada ao longo do álbum.



NUNCA HOUVE UM CASTELO

Martha Batalha
Companhia das Letras

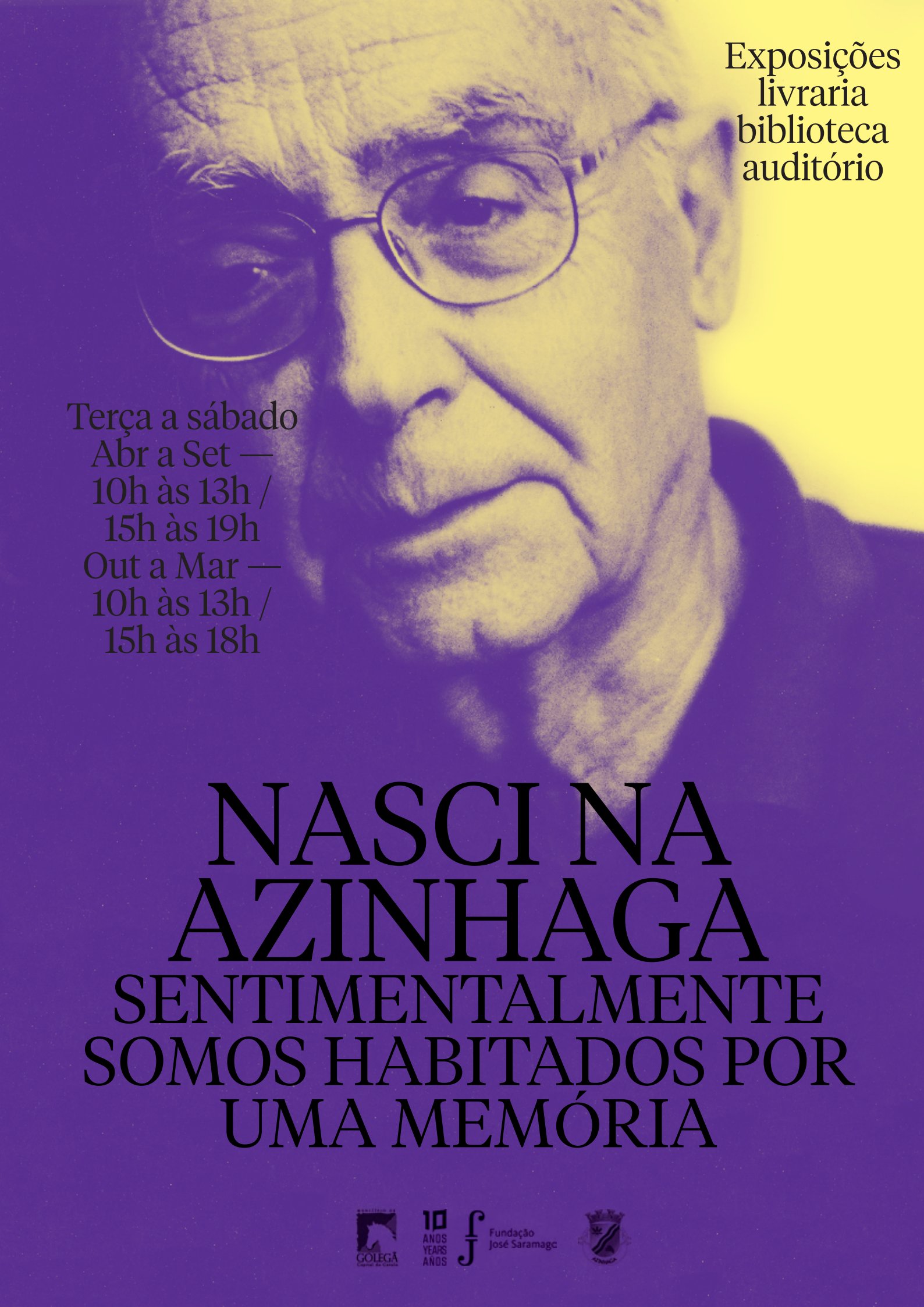
Um romance que reconstrói o percurso dos descendentes de Johan Edward Jansson, cônsul da Suécia no Brasil que, em 1904, construiu um castelo em Ipanema. Uma saga familiar que percorre mais de um século, colocando as personagens em contraponto com alguns dos momentos marcantes da história brasileira recente.



OS AZARES DE MAX CRUMBLY, CAOS NA ESCOLA BÁSICA

Rachel Renée Russell
Gailivro

O segundo volume do diário deste adolescente demasiado desastrado retoma a partir do final do anterior, quando Max, que tenta impedir três ladrões de roubarem os computadores da sala de informática da escola se vê a aterrar em cima da pizza que o grupo se preparava para comer. Entre muitas divagações egocêntricas e desejos irrealizáveis, Max recomeça a narração dos acontecimentos, entre texto, rasuras e vinhetas de banda desenhada.

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses and a mustache, looking slightly to the left. The background is a solid dark color.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



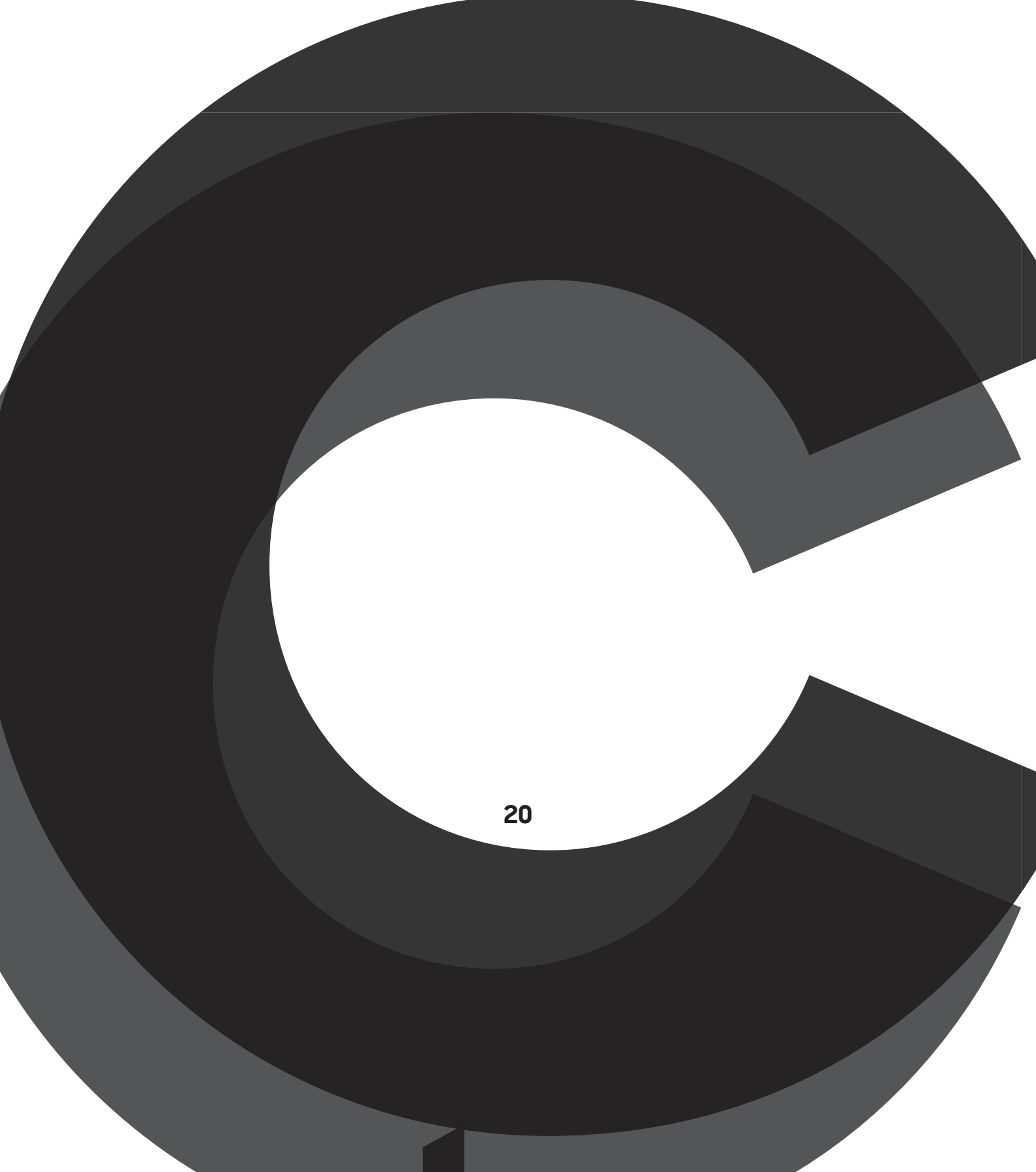
Fundação
José Saramago



assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100





20

cartazes
políticos

A Triennale de Mons reúne, em França, várias mostras dedicadas ao cartaz de cariz político, termo que, entendido na sua plenitude, permite abarcar inúmeros temas da vida, da sociedade, da economia e da cultura. Esta mostra trienal é também um concurso internacional de cartazes, no qual podem participar artistas gráficos profissionais e estudantes ou amadores, desde que cumpram a temática da política na acepção primeira do termo, ou seja, aquilo que diz respeito aos assuntos da pólis. Os participantes chegam de diversos países, mostrando preocupações mais ou menos locais, temas globais e denúncias que, mesmo quando se referem a realidades muito delimitadas, acabam por encontrar eco noutras realidades, fazendo do espaço da Triennale de Mons uma espécie de ágora visual onde tudo se discute e coloca em cima da mesa.

Na última edição da Raia – feira de edição independente, que decorreu em Lisboa em meados deste mês, uma das exposições que ocupou o andar superior dos Anjos 70 – local onde se realizou a feira – foi precisamente uma selecção de alguns dos cartazes presentes nas diferentes edições da trienal, entre 1978 e 2016. Contrariando a efemeridade a que exposições com tão curta duração costumam estar sujeitas, a Raia editou uma

pequena publicação que reúne reproduções dos cartazes expostos e um texto contextualizador sobre cartazes políticos e a Triennale que os recebe. Em formato A5, com miolo a preto e branco, a impressão não deixará felizes os leitores mais puristas, nomeadamente porque se perde a cor dos cartazes originais, mas a sua edição é um contributo importante para que se conheça um pouco do muito que tem sido debatido sobre o mundo em que vivemos através de imagens, letras e as paredes públicas que as acolhem.



Luba Lukova, *Eco Crime*



LENGUAJE MASCULINO

Guadalupe Betanzo, *Lenguaje Masculino*





FREEDOM FROM OPPRESSION

Otto Kramp, *Freedom From Oppression*



F u t u r e A t o m i c B o m b
آیـهـ اـتـمـ بـمـ

Alireza Nosrati, *Future Atomic Bomb*



**Ricardo
Viel**
dois
olhares
sobre



A atividade de cruzeiros no primeiro trimestre de 2018 registou um crescimento de 103% de passageiros em relação ao mesmo período do ano passado, informou recentemente a entidade que admi-

nistra ao Porto de Lisboa. Umas semanas antes, a notícia de quebra de recorde vinha da empresa responsável pelo aeroporto da cidade, que recebeu 18,8% a mais de passageiros em 2017 do que no ano anterior. Há muitas outras notícias que demonstram o que quem vive em Lisboa já percebeu há tempos: a cidade atrai cada vez mais turistas. Quem mora na capital portuguesa também já deve ter se apercebido que há cada vez mais descontentamento dos moradores em relação às consequências desse boom turístico, em especial em relação ao encarecimento de serviços e moradias.

Como conciliar o turismo com a qualidade de vida dos residentes? Como aproveitar esse momento em que a cidade atrai tantos olhares para fazer dela um sítio ainda melhor? Quais são os desafios que Lisboa vive hoje? Qual o futuro da cidade? Em busca de respostas para estas e outras perguntas, a Blimunda entrevistou o urbanista Diogo Mateus e o geógrafo João Seixas, dois especialistas que têm como trabalho olhar e pensar as cidades. Leia a seguir as entrevistas.

Diogo Mateus

Professor de Urbanismo na Universidade Lusófona e presidente da Associação Profissional dos Urbanistas Portugueses

Quando olha para Lisboa que cidade vê?

Qualquer cidade, qualquer área urbano, depende, em primeiro lugar, das pessoas que lá estão. Que residem e desenvolvem as suas atividades naquele território. Isso faz a força daquele espaço. Em segundo lugar, do tempo, momento e oportunidades geradas de acordo com os recursos que existem. Por exemplo, antigamente uma cidade que tinha território fértil por perto, ou um porto, era uma cidade que atraía. O turismo pode ser um fator de atração. É algo recente, do final do século passado e deste século. Não sei se será sustentável no sentido de uma grande continuidade. Pode ser ou não, tem que ser bem planeado. Mas quando eu olho para a cidade de Lisboa, agora, atualmente, o que vejo é uma grande confusão. Não houve um planeamento da cidade, uma preparação da cidade para isto. Surgiu uma oportunidade. E essa oportunidade foi agarrada, e nada contra isso. É uma oportunidade que deve ser agarrada. Mas será que está a ser bem pensado o desenvolvimento da cidade em sintonia com o boom do turismo? Seja do turismo ou do que for? Tenho dúvidas.

Não observa um planeamento a médio e longo prazo para a cidade?

Acho que estamos num momento em que estamos a aproveitar uma boa fama que Lisboa tem, que vai tendo por variadas razões, para fazer coisas muito direcionadas e para aquele momento, é muito temporário, não é nada pensado e estruturado para vir a melhorar a cidade. E os problemas que tínhamos antes deste boom provavelmente serão os mesmos quando o boom baixar, porque há de baixar um dia. Não deve baixar de ir a zero, mas esta procura repentina pode, de um momento para o outro, também alterar.

Mas enquanto não baixa o que acontece é cada vez mais insatisfação dos moradores com o encarecimento do custo de vida na cidade que tem como maior responsável o facto da cidade estar «na moda», de toda a gente querer vir visitar ou morar aqui.

Já acontece de, em Lisboa, numa parede, estar escrito isto [tira o telemóvel do bolso e mostra uma foto onde se lê, escrito num muro, a frase *Tourist Bullshit*]. Isto já aparece escrito. O turista começa a ser já um incómodo, e não tinha que ser assim. Se as coisas fossem planeadas e pensadas...



Os preços de Lisboa estão a começar a ficar completamente inflacionada por causa dessa procura desenfreada de espaços para acolher turistas. E também já há o turismo fixo, quem tem dinheiro quer comprar habitação aqui para passar férias.

Essa nova dinâmica pode descaraterizar a cidade?

Muitas vezes dizem: estão a estragar os bairros. Mas isso sempre foi assim, é dinâmico. Estamos num momento de viragem. O que é prejudicial, acho eu, e se temos alguma coisa a aprender com o passado, é que isto está a acontecer e não estamos a fazer nada nem para apoiar as pessoas nem para prever como é que se vai desenvolver isto. Onde é que vamos chegar e onde é que podemos chegar?

Daqui a uns anos, o centro da cidade de Lisboa deixa de ter pessoas. Deixa de ter residentes. Estamos a perder o centro de Lisboa. Podemos vir a perder o centro de Lisboa nesse sentido, deixar de ter lisboetas. Lisboetas de Bangladesh ou de onde for, deixamos de ter residentes em Lisboa. Isso é bom ou mau? Não sei. Mas era importante refletir sobre isso.

E como se pode fazer essa reflexão? Quem deve participar?

Refletir participadamente, ou seja, com as pessoas que vivem e que não vivem aqui, com todos, para sabermos onde podemos estar no futuro. É isso que não vejo ser feito em Portugal, não só em Lisboa. Acho que a cidade de Lisboa, com este boom do turismo, não está a aproveitar o momento para parar, refletir e programar muito bem o que quer para o futuro. Que cidade é que se quer para o futuro? Paris está a fazê-lo. Há uns cinco anos Paris lançou um grande debate sobre o futuro da cidade. E convidou várias pessoas, não só urbanistas. Pensadores, filósofos etc. E chamou a comunidade para debater. Nós, em Lisboa, podíamos parar um bocadinho e pensar: que Lisboa queremos para daqui a uns 20, 30 anos? E o que temos que fazer agora para isso aconteça? Não estamos a refletir nem no turismo nem no território, quando poderíamos juntar as duas coisas, refletir conjuntamente e aproveitar isso para desenvolver as cidades e dar melhor qualidade de vida às populações. Seja a apanhar caracóis ou a oferecer atividades turísticas é preciso haver qualidade de vida e uma gestão eficaz dos recursos. Não podemos apanhar os caracóis todos porque senão para o ano não temos caracóis e não podemos esgotar agora tudo no turismo sem suportar o resto. Estamos, como se costuma dizer na navegação, a navegar à vista.

Começam a aparecer manifestações, grupos organizados a contestar o rumo que a cidade está a tomar, não acha? Isso pode surtir algum efeito?



Old Town Tour

 Se. Inês	 M. Sta. Lucia	 Portas do sul
 C. Sta. Jorge	 M. Sta. Monte	 San Vicente
 Fort Nacional	 Alameda	 Casa da

Up Town Tour

 Santa Justa	 L. do Carmo	 M. Sta. Roque
 S. F. Alameda	 A. Republica	 Park Eduardo
 Basílica Estrela		

Circle Tour

Guided City Tour

DE
GAL
RMAAT 557/14

Temos várias experiências em Portugal de movimentos que surgem da ideia de alguém e conseguem coisas. Há um projeto onde tive mais contacto que é o Jardim do Caracol. Basicamente a história é a de um logradouro que está abandonado e a Câmara Municipal decide construir um parque de estacionamento. A ideia, quando não se consulta a população, é de que aquilo é um caos para estacionar, os moradores queixam-se, ninguém se vai opor a um parque de estacionamento. Tiveram azar porque houve um conjunto de moradores que pensou: «não, isto era bom era um jardim, nós precisamos é de um jardim». Apresentaram o projeto do jardim no orçamento participativo e ganhou. Arranjaram um problema à Câmara porque a vontade da população é um jardim, não podem fazer um parque de estacionamento. Isso quer dizer que, quando a população se mexe, se une, para um bem que é comum, as autarquias respondem afirmativamente. Portanto eu diria que sim, que quando as pessoas se juntam para um bem comum, com sentido, com propósito, bem pensado e bem estruturado, acho que funciona. Não é a mesma coisa que eu atar--me a uma árvore porque a árvore vai ser cortada. Penso que em 90% dos casos em que a população se revolta é porque não há diálogo nem houve atenção suficiente dos órgãos decisores de falar, informar e perguntar. É isso que agora se chama a co-criação. Essa ideia de fazer com as pessoas. Primeiro era: «é preciso fazer para as pessoas». Depois era: «é preciso ouvir as pessoas para fazer para as pessoas». E agora é: «é preciso fazer com as pessoas para as pessoas». E nesta linha temos alguns movimentos pacíficos que funcionaram. Voltando à parte da reivindicação da população, é justo eu exigir melhoria das condições. Mas eu tenho que me colocar como solução do problema. Não podemos dizer «resolvam lá isso». Somos parte da solução porque também somos parte do problema. E não podemos deixar de participar. O método participativo, que é uma coisa que em Portugal teve bons resultados nos anos 70, logo após a revolução, teve excelente experiências de métodos participativos na construção do território. De repente perdeu-se, deixou-se de fazer.

A cidade está a ser pensada só para os turistas ou essa é uma crítica simplista e falsa?

Cidades ideais não existem, o que há é o meu ideal de cidade. Não é possível fazer tudo ao mesmo tempo, mas estamos a sentir algumas transformações positivas, para a qualidade de vida das populações, mas se calhar falta pensar estruturadamente na cidade do futuro.

Por exemplo, eu tenho o hábito de andar muito a pé. Antigamente, quando andava a pé sozinho, via que as pessoas com quem me cruzava eram pessoas que saíam da carro para ir para o prédio, saíam daqui e iam para ali. Hoje

LISBOA DES

60%

70

20-

AI

FI

MODA

SURF/NEV

DESPO

1^{AS} MARCAS

ww

NIKE



VANS



PUMA



não, eu faço uma caminhada e vejo que há pessoas que me acompanham durante muito tempo, já há um hábito, caminhar ou andar de bicicleta. E isso aumentou porque se ofereceram melhores condições às pessoas. Não há dúvida que a cidade melhorou [com as obras que foram feitas], mas não melhoraram os transportes públicos. Se nós queremos ter uma cidade turística ainda temos que apostar muito nos transportes públicos. Um turista habitualmente não vem cá para alugar um carro. A cidade de Lisboa, contrariamente àquilo que muita gente pensa, é uma cidade em que se consegue andar. Mas não é fácil para um turista. E uma rede de transporte público eficaz tanto serve ao turista como à população. Estive em Berlim há pouco tempo e uma das discussões agora em cima da mesa era a do transporte público de graça para toda a gente. A Alemanha terá a sua capacidade económica para o fazer... Completamente gratuito? Isso vai gastar muito dinheiro. E a resposta de quem defende a ideia é: Não, se nós pensarmos bem, os autocarros, quer se pague quer não se pague, têm que andar sempre. Portanto, virem vazios ou cheios é a mesma coisa. Ao invés de eu pagar um passe eu pago o meu imposto e o meu imposto vai para lá. E assim é mais equitativo porque não é só quem paga o passe que assegura o transporte, são todos. A ideia não está errada, mas se é exequível eu não sei. Em Lisboa uma das falhas é o transporte público.

Então, se tivesse que dar um conselho para Lisboa, qual seria?

Pensar como é que queremos Lisboa daqui a 50 anos. Mas tem que ser um debate apoiado com estudos. Primeiros tem que se apresentar Lisboa. A maior parte das pessoas, mesmo quem cá vive, não sabe como está Lisboa. Quais são os perigos que Lisboa tem? Temos um grave risco sísmico, temos que pensar nisso. Temos um risco de inundações, já está documentado há mais de trezentos anos. Fala-se disso quando chove muito. Vamos enfrentar os problemas todos. Vamos apresentar às pessoas, de forma simples, o que é Lisboa. Conhecem a cidade onde vivem? Isto é a Lisboa de hoje. Vamos dar seis meses às pessoas para conhecerem Lisboa. Sejam turistas em Lisboa, conheçam Lisboa. Vão visitar, vão conhecer, depois disto, depois de incorporarem tudo, pensam o que vocês queriam, o que queres da tua cidade, o que é a tua Lisboa. Vamos debater, juntar isso tudo, e fazer um plano para os próximos cinquenta anos. E vamos construir uma cidade com esses objetivos.



João Seixas

Geógrafo, professor da Universidade Nova de Lisboa, coordenador da equipa para a Reforma Administrativa da Cidade de Lisboa, autor do livro *A Cidade na Encruzilhada*.

Você costuma dizer que a cidade é um ser vivo. Está em constante processo de adaptação, mudança, transformação. Hoje, que ser vivo é Lisboa? Quais as características dessa cidade? Como está a sua saúde?

Sim, a cidade é um enorme ecossistema, uma estrutura viva construída pela humanidade e, felizmente, em permanente transformação. Para o melhor e para o pior, a cidade é a mais ampla e impactante realização da humanidade. Tendo-se tornado, hoje, num sistema absolutamente decisivo para o nosso futuro e o do planeta.

A Lisboa contemporânea, no seu corpo e na sua alma, conjuga dois elementos muito profundos, mas altamente contraditórios, revelando manifestas dificuldades nas possíveis conciliações.

Primeiro, Lisboa contém uma identidade provinda de uma longuíssima história com amplas ligações e influências externas, embora quase sempre se sentindo na periferia. Cidade muito aberta, o que é uma grande virtude – pela sua geografia, pela sua história e pelas suas necessidades económicas – mas também sempre muito vulnerável. A sua crónica dependência externa, o seu humano posicionamento como local de chegadas e de partidas, a sua aliança – contrariada ou não – com um Estado muito centralista, moldaria a sua identidade, tornando-a propensa a algum possível cosmopolitismo mas deixando-a igualmente com uma frágil capacidade de «gestão própria». Daí um urbanismo quase sempre débil ou por solavancos, e sobretudo por via, justamente, do Estado. Daí «a cidade», como elemento principal de desenvolvimento, ser aqui filha de um deus menor e pouco prezada pelas elites. Daí uma metrópole profundamente dispersa e fragmentada, com sérias ineficiências sociais, económicas e ecológicas. Mas também daí, apesar de tudo, uma metrópole bastante receptiva ao mundo, muito hospitaleira, sedenta de globalização mas também de aprovação externa.

Segundo, justamente por essas razões e pela nova era em que vivemos, Lisboa encontra-se hoje perante um fortíssimo efeito de transformação, e em viva aceleração. A globalização do capitalismo e dos investimentos financeiros e imobiliários em busca de locais com «valor emocional e identitário», encaixa na perfeição numa cidade com apreciável alma e muito aberta.

Esta é uma conjugação que, sentida como demasiado vertiginosa e pouco governada, está a deixar a sociedade bastante ansiosa. Provocando reac-



ções tão eufóricas como repulsivas. Recordo o livro de Umberto Eco *Apo-calípticos e Integrados*, onde em momentos de grande transformação ou disruptivos, se levantam sobretudo as vozes dos que adoram e dos que detestam. Isso é hoje hiper-manifesto, ainda para mais em época de redes sociais e de muita escatologia e verborreia digital.

A saúde de Lisboa está, assim, em forte reestruturação, e em sobressalto. Reforça-se nalgumas das suas partes, sobretudo as físicas (o que é positivo) e algo do seu ânimo (idem). Mas também contém novos problemas e novos riscos, sobretudo no enfraquecimento de alguns direitos, como o direito à habitação e mesmo à cidade – o que é inadmissível – e ao nível do seu sistema nervoso e mesmo psíquico – o que é inquietante. A saúde de Lisboa, hoje, conjuga bons elementos de força própria (a sua geografia, a sua identidade, os seus bairros, etc.), com debilidades crónicas e mal resolvidas, e ainda com uma irritante propensão de os querer resolver de forma apressada ou mesmo algo unívoca – incluindo a propensão para uma permanente festa. Atitude positiva em determinados momentos e espaços da vida, mas não exactamente sempre saudável. E diria, não exactamente a atitude mais inteligente para uma melhor conjugação das suas qualidades com a resolução dos seus defeitos.

Ultimamente escuta-se muito a seguinte frase: «Lisboa é pensada para os turistas». Ou: «estamos a ser expulsos da cidade». O que há de verdadeiro nessas afirmações?

Há, nessas afirmações, parte de mito – que, realce-se, importam muito e são sobretudo construídas em momentos de ansiedade, como este em que estamos – mas também parte de realidade. Por um lado, a cidade não é apenas o seu centro histórico. Lisboa é hoje um enorme corpo – metrópole com mais de três milhões de habitantes, estendido não por sete mas por sete mil colinas. Pensar que uma cidade é o seu centro histórico é pensar relativamente pequeno. E o turismo está sem dúvida a dinamizar a economia da cidade. Mas por outro lado o centro é uma coisa muito importante, é a essência do CPU da cidade. E o turismo pode tornar-se um elemento muito ambivalente. O centro histórico de Lisboa está cada vez mais dominado e transformado pela indústria do turismo, muito mais rentável do que qualquer outra actividade neste local. Nestas zonas centrais da nossa cidade, a actividade turística e as pressões do turismo sobre a urbanidade são hoje das mais elevadas, se não as mais elevadas, de toda a Europa urbana. A maior rentabilidade da actividade turística está a expulsar as restantes actividades e os quotidianos destas partes da cidade. Está a expulsar a residência e os habitats, muitas vezes de forma muito violenta, o que é inadmissível numa sociedade democrática.

Mas penso, neste momento sucede-se, para partes vitais da cidade e da urbanidade, algo similar ao que sucedeu durante décadas – e continua a suce-



**SUN
ADDICT**

der – em relação à natureza e à ecologia. Podemos estar a hipotecar o nosso futuro comum, em nome de uma economia do presente. Erro crasso que, a continuar, será pago por todos e com muitos juros. Temos, urgentemente, de construir uma nova esperança colectiva, com base em princípios fortes quer de ecologia biofísica como de ecologia humana. E, nestas dimensões, defender o direito à cidade, a par de uma sociedade aberta e de uma economia de tempos longos. O que implicará, nos palcos centrais que são as cidades, uma profunda transformação política e económica.

A excessiva monofuncionalização do nosso belo centro e estas expulsões, são um gravíssimo erro – simbólico e centrífugo – para uma cidade com a nossa história e com uma necessidade de visão humana e ecológica de futuro. Poderia ter sido outro o caminho, com muito mais equilíbrio e respeito. O que poderia ter colocado a cidade, hoje, bem mais preparada para estes tempos. Muitos tentaram dizê-lo, e foram vistos como «Velhos do Restelo», o que é ridículo. Esta tendência vertiginosa, se não for reequilibrada urgentemente, poderá ter elevados custos sociais e mesmo políticos, a médio prazo. E depois, também, custos económicos.

A questão da saturação da cidade, da expulsão dos residentes da zona mais turística, é um problema que afeta só quem vive cá ou também deveria ser uma preocupação da indústria que lucra com esse fenómeno?

As pressões do turismo sobre a urbanidade dos lugares mais centrais de Lisboa são hoje muito elevadas, sendo o rácio de turistas face a residentes um dos maiores da Europa. Barcelona, com todas as suas pressões, tem um rácio menor – porque tem mais residentes. Por seu lado, não creio que este crescendo de turismo vá estabilizar tão cedo. O potencial de um turismo baseado em consumos emocionais é imenso. A maioria dos turistas não se importa de estar rodeados de turistas. Jean Baudrillard explicou o crescente desejo de simulacro por uma sociedade carente de valores e de emoções. O turista crê que está em experiência identitária ou emocional, e isso serve-lhe perfeitamente. A perda de residentes e de identidade no centro – mesmo sendo este um conceito sempre em evolução – não é um grande problema para a indústria turística, pelo menos a curto prazo. Mas é claramente um problema para os seus residentes, sejam eles quem forem. Assim, será do mais elementar bom senso que uma parte relevante dos benefícios do turismo – actividade a defender e a qualificar, obviamente – reverta para a qualificação da cidade como um todo e para o real benefício dos seus habitantes mais permanentes. Que podem – e devem, dada a boa tradição de Lisboa e as importantes essências da cidade, a abertura e a diversidade – ser das mais variadas proveniências e nacionalidades.

Segundo o portal imobiliário Imovirtual, o preço dos imóveis arrendados em 2017 foi 26% superior ao praticado no ano anterior. Esta-



mos a falar de um dos países com menor salário mínimo da Europa. Devemos acreditar que «o mercado se auto regula» ou são preciso políticas públicas para corrigir aberrações como estas?

São necessárias urgentíssimas e amplas ações políticas. Nas várias escalas da política, do governo à autarquia e mesmo às juntas de freguesia. Não será nada fácil. Não é, de todo, apenas por causa do turismo que o mercado imobiliário está sobreaquecido em Lisboa. Embora também ajude. Existem outros fatores muito relevantes, sobretudo numa economia e sociedade tão abertas como a nossa. A forte entrada de promotores e de investidores internacionais no mercado imobiliário de Lisboa permitiu uma dinamização deste que não se via desde há muito. E está obviamente a ajudar, e muito, a reabilitação da cidade e as finanças do país. O que é notável. Mas isso tem sido feito com muito pouca consciência para os «efeitos colaterais». Está a ter como consequência uma subida em flecha das rendas habitacionais, e uma cativação muito grande das oportunidades de habitação para os locais. Esta situação é crescentemente grave e, há que dizê-lo, em parte relevante resultante da relativa ignorância de muitos agentes políticos para as reais questões da cidade, da habitação, do habitat. Agora, com tanto e tão rápido sobreaquecimento, vão ser necessárias políticas musculadas que vão ser muito difíceis de implementar e que não vão agradar a muitos. Mas não se sei se vão ser realmente colocadas, de forma transversal. Justamente porque a capacidade de «pensar e defender a cidade», de forma moderna e integradora, de «pensar e defender a cidade» como «valor» por excelência, que atrai oportunidades, riquezas e direitos; em Portugal é ainda relativamente fraca, ou confinada a ainda poucos espaços políticos.

Há cada vez mais manifestações organizadas em Lisboa de pessoas descontentes com a transformação que a cidade vem sofrendo. O que podem os cidadãos comuns, individual e coletivamente, fazerem para combaterem esse processo de expulsão do centro da cidade? E as autoridades, quais medidas podem tomar para encontrar um ponto em que o turismo traga pessoas e dinheiro sem afastar os residentes?

No meu entender os movimentos sociais e urbanos, e sua capacidade de pressão e de influência, serão decisivos para uma real mudança de paradigma político, para uma transição mais inteligente, para colocar a qualidade de vida urbana e dos direitos à cidade no centro das agendas políticas. Ainda para mais num país com frágil tradição administrativa de governação da cidade, mas ao mesmo tempo com novas gerações muito mais instruídas e cosmopolitas, e conscientes da importância da cidade como elemento fundamental de progresso.



AS COISAS BOAS SÃO
CONTAGIANTE

TURN YOUR DAY AROUND
Weeel

TURN YOUR DAY AROUND
Weeel

FROZEN YOGURT

CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS,
DESDE
23 DE ABRIL

A CASA DA ANDRÉA

O CIÚME

ANDRÉA ZAMORANO

46

Abril

é o mês da liberdade. Não restam dúvidas que as conquistas democráticas das mulheres na sociedade portuguesa depois do 25 de Abril foram enormes. Cumpri ainda trilhar o caminho pleno das liberdades individuais que tantas vezes é fustigado pela violência de género.

Não são raras as ocasiões em que se convocam os tribunais e nos deparamos com cenários mediavalesco onde inquisidores do século XXI citam a bíblia para lavrarem sentença ou mais recentemente obra literária. Poderia dar-se o caso de ser um avanço na forma como o mundo jurídico-penal entende as grandes questões da humanidade porém o sucedido foi um gravíssimo erro de interpretação de texto. Só assim se explica o acórdão do Tribunal da Relação de Guimarães que passo a citar:

«Sabemos que matar por ciúme é um tema clássico da arte (o do Otelo que mata Desdémona e as suas múltiplas réplicas na literatura, no cinema, no teatro), o que demonstra que tem sido universal e intemporal. Esperar-se-ia, porém, que hoje em dia, quando vivemos numa sociedade mais aberta, mais informada e mais democrática do que qualquer das anteriores, o ciúme – não podendo desaparecer, pois que é um sentimento natural e espontâneo – não fosse tão patológico e aberrante, ao ponto de alguém querer tirar a vida a outrem, só porque essa outra pessoa não corresponde aos afectos que se desejam dar»

E mais acrescenta que o agressor, que tinha dezanove anos à altura dos fatos, persegue obsessivamente a ex-namorada que já não quer mais o relacionamento e que afirmou ter uma nova relação. Nessa altura o agressor exerce a sua bestialidade contra a pessoa pela qual ele declara o seu amor desferindo um golpe com uma faca de cozinha com uma lâmina de doze centímetros, atingindo a ex-namorada na zona central do tronco, entre o peito e o abdômen.

O tribunal admite inclusive que o agressor teve clara intenção de matar e que a vítima só terá sobrevivido por ter sido socorrido de imediato. Apesar disso, aceita a defesa de que foi tomado pelos ciúmes e suspende a pena a que lhe havia sido atribuída em primeira instância – seis anos por tentativa de homicídio – para aplicar-lhe, em substituição, cinco anos com pena suspensa por homicídio simples por considerar que o ciúme "embora reprovável, não pode ser qualificado como fútil".

Ora, simbolicamente, o ciúme é uma forma de desamparo. Ao desqualificar a tese de que o ciúme é motivo fútil, o tribunal está amparando o agressor ao invés da vítima. Está dizendo que não há uma desproporção abissal entre a conduta moral do agressor e o seu resultado. Ao proceder dessa maneira está sujeitando à vítima a um segundo momento de violência ao não reconhecer a sua condição. Em conclusão, o sistema se torna cruel por não penalizar e não defender a vítima; e permissivo por aligeirar a responsabilidade o agressor.

De acordo com um inquérito nacional sobre violência no namoro realizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), mais de metade dos jovens num relacionamento amoroso já foi alvo de pelo menos um acto de violência. Sentenças como essa podem abrir espaço para um sentimento de impunidade.

É chocante pensar na possibilidade da crescente violência em um estrato tão jovem da população e numa reacção tão branda das autoridades. Urge encontrar soluções de educação/consciencialização para essas pessoas que brevemente serão os homens e as mulheres do nosso país, que estão a iniciar a sua vida afectiva; tal como cabe ainda perguntar que lugar terão as mulheres nesse Portugal que se avizinha onde, se nada for feito, haverá lugar para uma legitimação da violência contra as mulheres; do mesmo modo é pertinente se perguntar se a pena suspensa terá sido aplicada por ser o agressor um jovem negro como Otelo que deu o mote a este texto.

FOTOGRAFIA: JORGE SILVA



AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

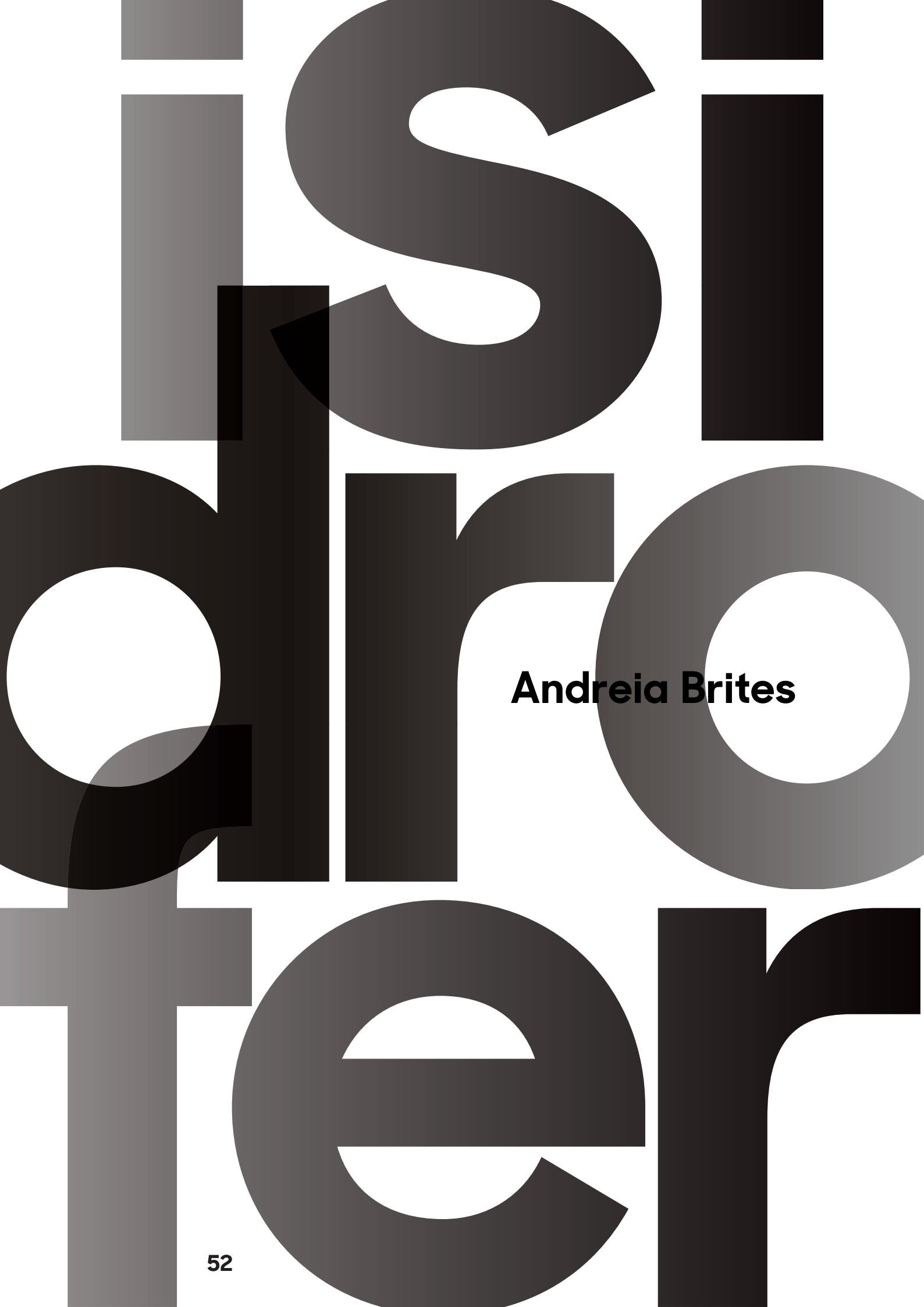
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador



Andreia Brites

ferr

um artífice da ilustração

Inaugurou a 22 de Março uma exposição das ilustrações de Isidro Ferrer para o livro *Os Sonhos de Helena*, com textos do escritor uruguaio Eduardo Galeano. A iniciativa coube ao Museu da Farmácia e teve a curadoria de Eduardo Filipe e Ju Godinho. Quem esteve presente no átrio do museu, em Lisboa, teve oportunidade de ouvir o próprio ilustrador partilhar o seu trabalho.



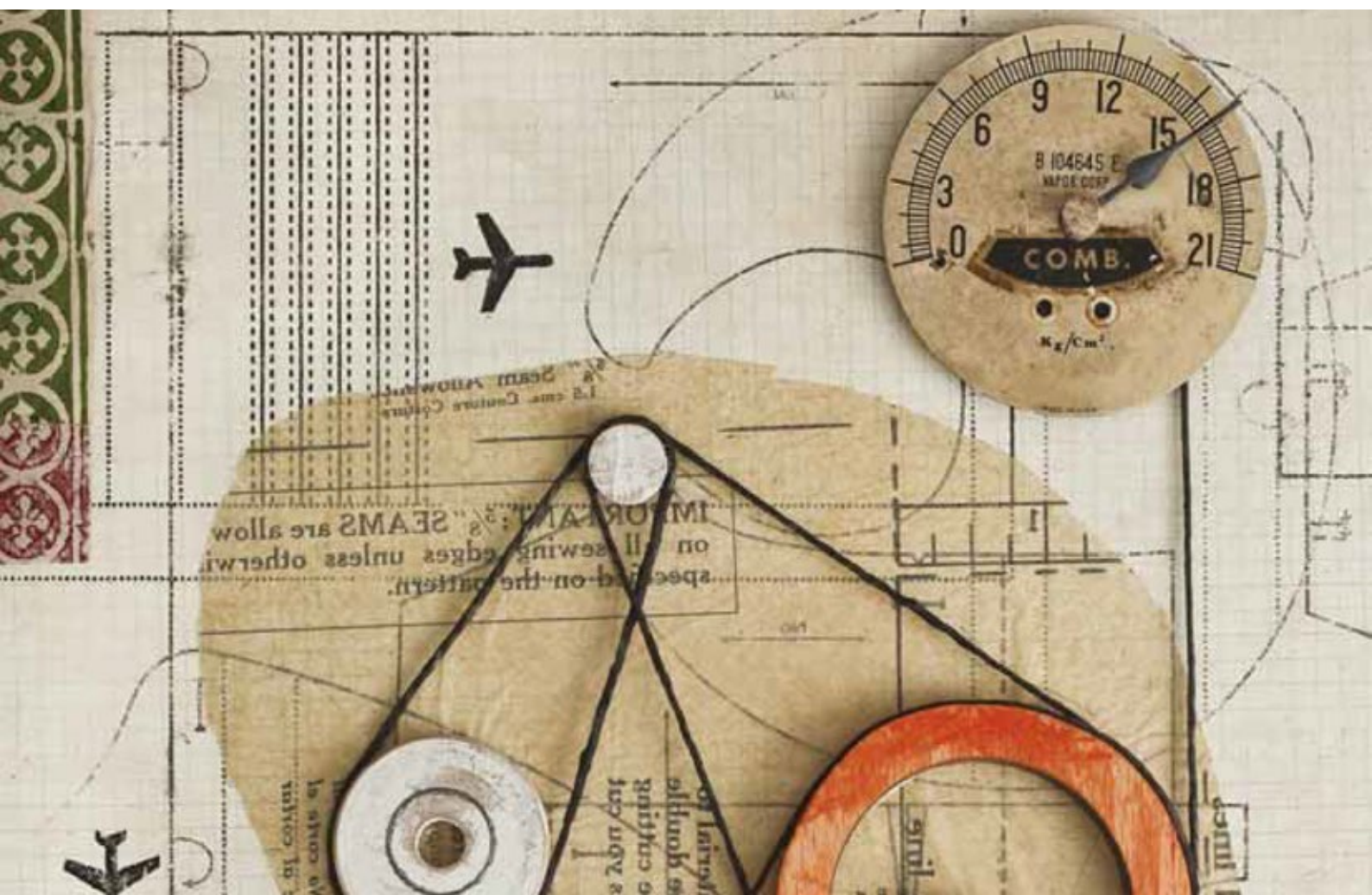


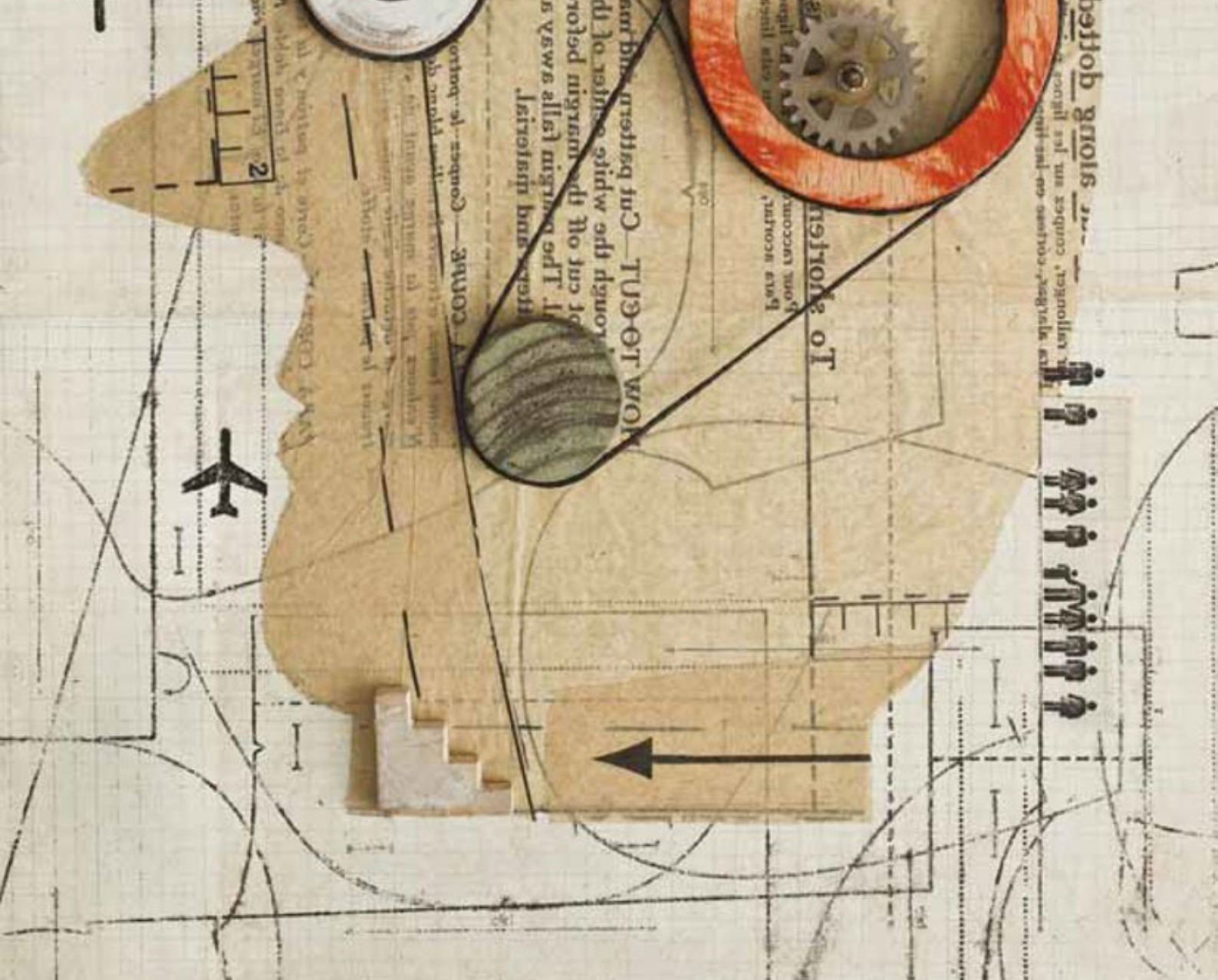
Quando se chega ao átrio sob o comprido que medeia o museu da entrada do edifício, há cinco camas de ferro que poderiam ser de crianças suspensas do tecto. Nas laterais das camas apresentam-se todas as ilustrações do livro *Os Sonhos de Helena*, originalmente editado em castelhano pela Libros del Zorro Rojo. O livro resulta de uma recolha de textos curtos dispersos pela obra do autor que ganha uma identidade própria não apenas pela coesão textual que remonta aos sonhos que Helena, a mulher do escritor, lhe recontava e que se encontram congregados neste volume, mas também pelas ilustrações de Isidro Ferrer, que cria um rol de personagens, motivos e con-

textos oníricos e maravilhosos, para ampliar em imagem o sentido do texto.

O que se consegue perceber perante as ilustrações originais, pendentes das camas, é a textura dos diversos materiais, nomeadamente a madeira, o cartão ou o arame, que o ilustrador esculpe, pinta, recorta ou grava. Apesar de terem dimensões relativamente modestas, oferecem ao leitor/visitante a possibilidade de visualizar em profundidade as várias camadas ou a tridimensionalidade de algumas peças, ao contrário do que acontece com a impressão da fotografia no papel do livro.

Há nestas ilustrações qualquer coisa de etéreo, algo que paira, flutua, se abstrai da gravidade. Ao efeito de movimento das curvas do vestido de Helena, ou do fio do telefone acresce a perspectiva vertical sobre Helena adormecida em posição fetal ou sobre o papel de braille transformado em mar. A presença das aves, das constelações e do horizonte, seja céu, montanha ou mar corrobora esse sentido de abertura para outra dimensão. Isidro Ferrer não se desvincula, todavia, de um humor que se manifesta através de contaminações entre figuras. De entre todas as metamorfoses possíveis, a de Helena com a sua cadela e a cabeça da galinha a encimá-la. A materialidade sensorial dos objectos em nada fere o sentido onírico e desconcertante da es-





crita de Galeano. Pelo contrário, esta materialidade alberga um ainda maior poder metonímico, irónico e mágico. Eduardo Filipe, químico de profissão e um dos curadores da exposição, está seguro de que «há uma química nas obras do Isidro. Uma coisa garanto, as ilustrações dele emanam certamente vapores que libertam serotonina e nos fazem um pouco mais felizes.»

Chegar à ideia

Isidro Ferrer começa a sua intervenção explicando que quando recebe o convite para ilustrar um livro de Galeano, que ele vinha lendo e admirava, fica extasiado. «Gosto particularmente da forma como trabalha a narrativa curta e se debruça sobre o lado popular, de como estabelece ligações entre o sublime, o mais próximo e quotidiano e o onírico também. Quando me fizeram esta proposta, de ilustrar este livro, tive uma descarga de adrenalina e aceitei imediatamente. Passados dois dias entrei em pânico absoluto!» O escritor



uruguaio era ainda vivo à época, o que significava passar pelo crivo do ídolo. Instalou-se um bloqueio feroz no ilustrador e designer espanhol. O processo demorou um ano e meio. A páginas tantas, a leitura de Jorge Luís Borges ecoou. Havia algures um texto sobre a recordação dos sonhos e a memória que começa a servir de ponto de partida para a ideia da transfiguração do sonho. O sonho, tal como acontece, é impossível de ser recordado ou recontado. Há um vazio entre a linguagem do sonho e o discurso, há uma lógica que não se recupera na totalidade, nem tão pouco é passível de ser cognoscível. A narrativa é então a transfiguração possível dos fragmentos reorganizados de acordo com o pensamento e as coordenadas do discurso oral.

Borges defende que só se recorda o acontecimento uma vez. Todas as que se seguem são recordações da recordação mais recente como numa cadeia em que o referente foi gerando uma narrativa. Nesse sentido, afirma Isidro, a memória pode mudar, evoluir. E então descobre, mais do que o tom que claramente assentava já nesse questionamento sobre a memória do sonho, o método. Decide ler intensamente todos os pequenos contos que constarão no livro. Depois recorda-os e recorda-os e recorda-os. «Esperei quase um ano para voltar aos sonhos mas nunca mais voltei a ler os sonhos. Apenas a partir do título trabalhei a memória do sonho.» Se Galeano transformava uma memória em literatura, também Isidro a podia transformar em arte visual.

Um pouco do pensamento do designer

Isidro Ferrer tem um vasto currículo para além da ilustração de livros. Como designer colabora com festivais, museus e outras entidades culturais, e tem vindo a desenvolver algumas imagens corporativas, nomeadamente no sector vinícola.

Todavia, o que o ilustrador trouxe para a conversa foi a experiência peculiar de um longo processo que deu origem a um conjunto de dezoito pequenas esculturas de madeira que representam animais mais ou menos peculiares. O projecto chama-se *Funny Farm* e algumas das figuras também estão expostas, a par de outros objectos, no átrio do museu. Tudo terá começado numa ocasião social. Isidro é chamado a recriar o logotipo e a desenvolver a imagem da marca de uma empresa de candeeiros de Valência que



se lançava no mercado, de nome Luzifer. O tempo passou. O ilustrador e os donos da empresa permaneceram amigos mas a colaboração tinha cessado. Numas férias numa aldeia perto de Huesca, onde vive o ilustrador, o casal volta a propor-lhe colaboração desta feita numa futura campanha de comunicação e dá-lhe liberdade total. «Comecei a experimentar com o material que usavam nos candeeiros mas como era laminado de madeira muito fino parecia que estava a fazer origami e só me saíam coisas... horrorosas, é essa a palavra. Então voltei atrás e pensei: O que tenho? Tenho a luz e a matéria. A matéria é a madeira e a luz é a forma. Se não há luz, não há forma. Bom, não posso trabalhar com a luz porque não tem densidade mas posso trabalhar com a forma e com a matéria.» Estudou as formas dos candeeiros e aproximou-se delas, inicialmente de forma mais directa e depois abrangendo uma maior amplitude de formas. Já tendo a forma, faltava a matéria

que lhe parece óbvio dever ser a madeira. «Tenho um amigo carpinteiro, o Carlos e pedi-lhe para me ensinar a trabalhar com o torno. Estive praticamente quatro meses com ele a trabalhar no torno para chegar às formas que queria. Experimentei várias madeiras de forma um pouco aleatórias e depois de ter estas formas, deixei-as repousar. Para mim isso é fundamental. Trabalho com muito tempo.» As figuras ficaram na estante e passados mais ou menos dois meses Isidro teve uma espécie de epifania: «Então uma delas disse: «Isidro, quero ser uma formiga!» e eu respondi: «Queres ser formiga, serás formiga. Então os outros serão os teus companheiros de viagem.» E

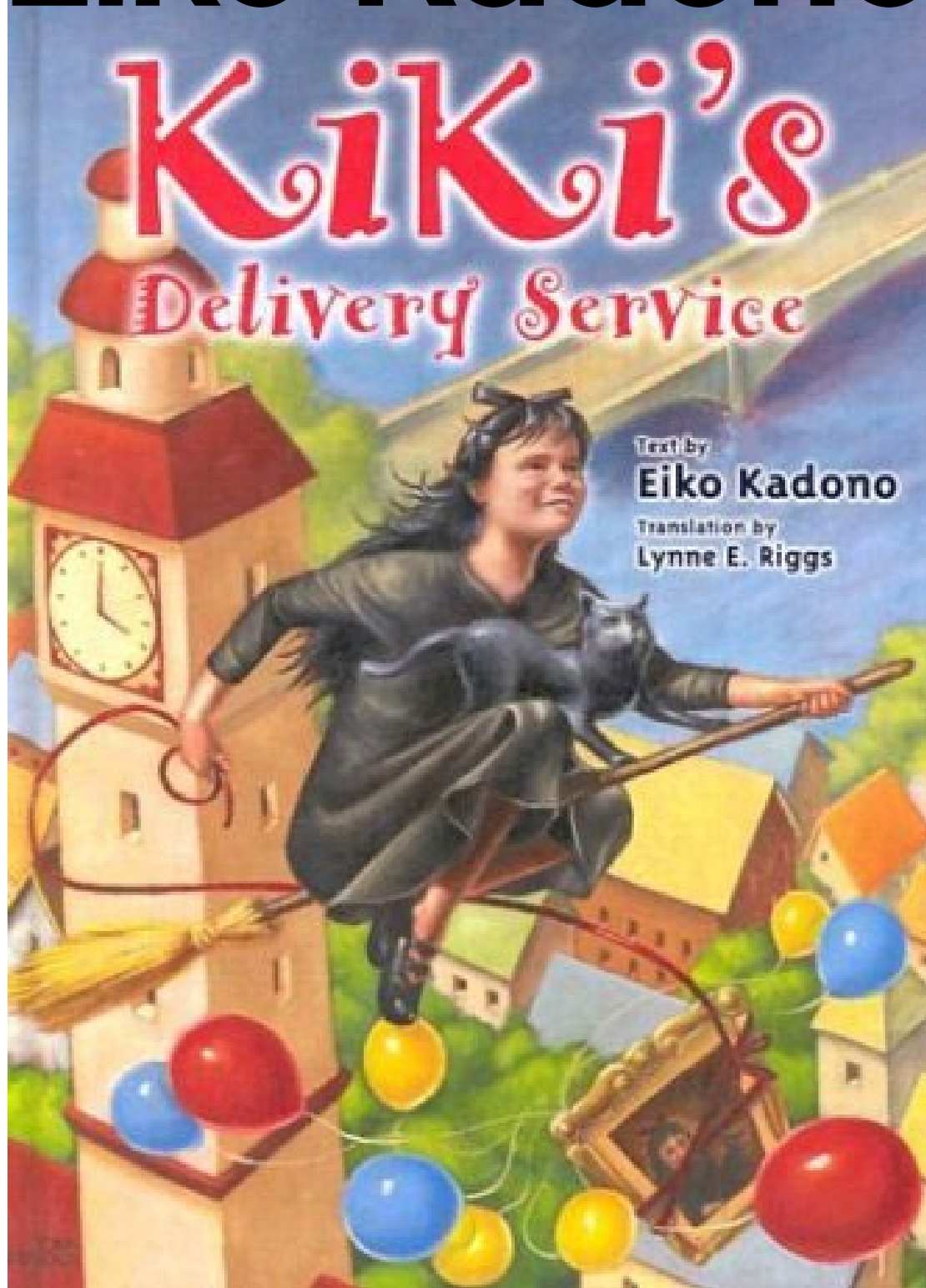


comecei a desenhar à procura dos personagens que a forma já continha. Isso também me condicionava muito. Não queria trabalhar sobre a figuração mas sobre a sugestão. Voltei então a ir ter com o Carlos e escolhemos as madeiras que melhor se adaptavam a cada uma das personagens. A primeira a aparecer foi a macaca. A macaca chamou pelo macaco. Então o macaco foi o segundo. Depois veio a cabra, o coelho, o elefante, o pato, o pinguim, o cão, a ovelha, o polvo. À medida que os ia criando, a sua história ganhava forma também: o cão teve uma relação tormentosa com a cabra. Ela estava a passar um bom bocado mas o cão queria mais. Um dia pediu-a em casamento e a cabra disse-lhe que como estavam estava bem. O cão ficou muito ofendido e agora está a tentar seduzir a ovelha que é mais dócil, mais calma e a cabra está tremendamente irritada.» As histórias foram crescendo mas era preciso integrar a própria empresa e nasceu a figura do Chapéu, que representa a marca. Assim nasceu a imagem corporativa dessa campanha. Depois em conjunto decidiram comercializar a família de objectos criados propositadamente para a campanha. E a colecção ganhou nome: Funny Farm. Experimentariam a reacção do público especializado numa Feira em Milão. Isidro Ferrer regressa à oficina do seu amigo Carlos agora para tratar de produzir artesanalmente os elementos da família em pequenas séries. Antes da Feira, surge uma nova ideia: fazer um ou dois candeeiros a partir de um ou dois personagens. «Começámos a trabalhar na translacção das personagens que tinham nascido vinculados a uma utilidade comunicativa para elementos funcionais que são os candeeiros. Primeiro trabalhámos a dimensão e a escala. Percebemos que não podia ser um candeeiro de mesa e aumentámos a escala. Depois debruçámo-nos sobre o volume e finalmente escolhemos as personagens: o elefante e o peixe. Os candeeiros tinham de ser em madeira, como todos os outros, evidentemente e usámos uma técnica com olmo que se humedece e que se pode moldar para obter uma certa estrutura.» Na Feira a reacção foi muito boa e até hoje continuam a ser produzidos quer os candeeiros, quer as figuras de madeira. Para estas, Isidro concebeu uma caixa e um pequeno livro com a história de cada um das personagens. Os animais deste manicómio (é a tradução de funny Farm) nascem como elementos de comunicação da marca e hoje são objectos de design que, como qualquer outro, têm e contam uma história. Artesanalmente.

and the winner is...

Prémio Hans Christian Andersen

Eiko Kadono



Escritora japonesa de 83 anos foi distinguido pela sua obra, na qual o juri destaca o papel das personagens femininas. A sua narrativa *Kiki's Delivery Service* foi adaptada ao cinema pelo mestre Hayao Miyazaki.

Igor Oleynikov



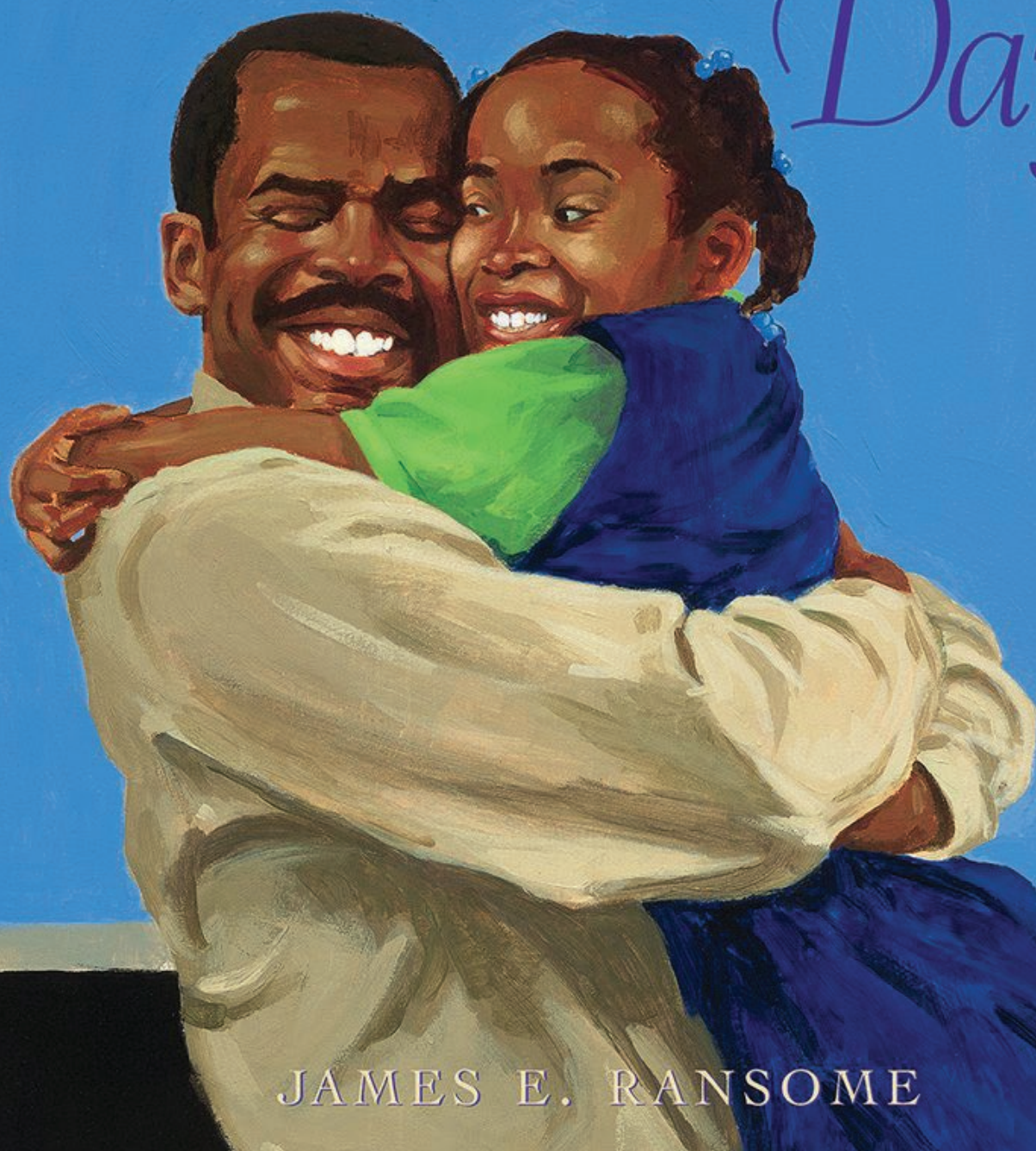
Ilustrador russo de 65 anos é descrito pelo júri como um mestre da composição, que recorre à tradição visual russa para criar uma galeria vastíssima de personagens quer mais realistas quer do universo mágico.

ALMA

JACQUELINE WOODSON

VISITING

Day



JAMES E. RANSOME

O Astrid Lindgren Memorial Award foi este ano entregue à escritora Jacqueline Woodson, natural e residente em Brooklin, nos Estados Unidos. A sua origem não é alheia aos temas que trata, principalmente nos romances juvenis, em que a exclusão social, a discriminação, o racismo e a injustiça têm lugar de destaque.

espelho meu

ANDREIA BRITES

ESCONDER-SE NUM CANTO DO MUNDO

**Jimmy Liao
Kalandraka**



A poesia de Jimmy Liao acede a um outro nível neste novo livro. Desta feita a narrativa apresenta-se ainda mais fragmentada num passeio revelador de outro mundo. Que mundo é a pergunta que nunca se desfaz e que circunscrever num significado onírico ou simbólico parece deveras redutor.

O pressuposto apresenta-se logo poderoso: um rapaz é a criança protagonista que se dirige ao leitor assumindo os seus medos e a incompreensão dos adultos. O tom assertivo das suas afirmações desconcertam pela simplicidade do discurso e, em simultâneo, pela sua quase óbvia profundidade. O canto do mundo é nada mais nada menos que o refúgio, o lugar onde tudo é possível. E o menino não deixa nada por contar: explica

até quais as formas de lá chegar, seja através do sonho, do filme ou do livro, da invenção do brincar. Não está aí portanto o desconcerto. Jimmy Liao mantém-se fiel à transgressão da lógica, dos eixos temporais, espaciais e causais e transporta o leitor para a profusão de cenários, cores, emoções e sensações desse canto sem norte nem origem. Ali há lugares que chocam, mesmo que amparem crianças por nascer ou a cair «As flores desabrocham num canto tranquilamente. As aranhas tecem serenas as suas teias. Podem assim ajudar os pais mais negligentes a cuidar daquelas crianças a quem lhes falta carinho. Aquelas crianças que riem, inocentes, ao observar as nuvens a ganhar novas formas no céu.». O desconcerto está nas imagens textuais do palhaço, das crianças sentimentais, da recordação, da inveja, da solidão, do fracasso... Tudo o que o mundo exige, tudo o que o mundo rouba em sofrimento, ansiedade ou medo, seja pela imagem que os outros têm de nós, seja pela frustração de não conseguir, seja pelo ruído ensurdecador que abafa as pequenas coisas, seja pelo que for, tudo se encontra desfeito neste canto do mun-

do. Apenas, estar des-feito, desconstruído, não é o mesmo que não existir. O canto do mundo não é um lugar outro, é sim um lugar que está muito para além do lúdico, do onírico, do fantástico, do entusiástico. Esse canto acolhe palcos, parques de diversões, zoos transformados em hospitais de animais, o espaço sideral, piscinas vazias, bosques, flores que são pedras e pedras que são flores, céu, raios de sol, mar, fundos plenos de cor ou pontilhados de muitas manchas.

Esses lugares são também os que se traçam ao longo de um muro, apesar de se subirem, e de neles se voar, correr, pairar, observar. E, para além de manifestar um intento moral: o de reparar no mundo e festejar a alegria e a felicidade plena dos pequenos instantes, o protagonista vai mais longe e explica o porquê de ter escolhido, para esta nova viagem ao seu canto do mundo, o muro. O climax suspende a narrativa e desvia-a do sentido original. A última frase é uma pergunta. Sem resposta, ao leitor resta o desconcerto. Assim é a arte de Jimmy Liao.



É como numa biblioteca. Não podes importunar ninguém sempre que te apetecer. E também não deves ficar curioso com o que os outros fazem ou com o livro que estão a ler. Relaxa, se tu próprio te sentes feliz.

espelho meu

ANDREIA BRITES

A ORQUESTRA **Chloé Perarnau** **Planeta Tangerina**



Apesar de ser um livro cujos direitos de edição para Portugal foram comprados à francesa L'agrumé, ninguém diria que este álbum não teria nascido pela mão do Planeta Tangerina.

Depois de *Daqui ninguém passa!* e de *A bola amarela* não seria impossível atribuir a ideia e a ilustração a Bernardo Carvalho.

Evidentemente que uma leitura mais demorada permite constatar que a composição dos elementos e a sua disposição em relação com o espaço não são idênticas às realizadas pelo autor português.

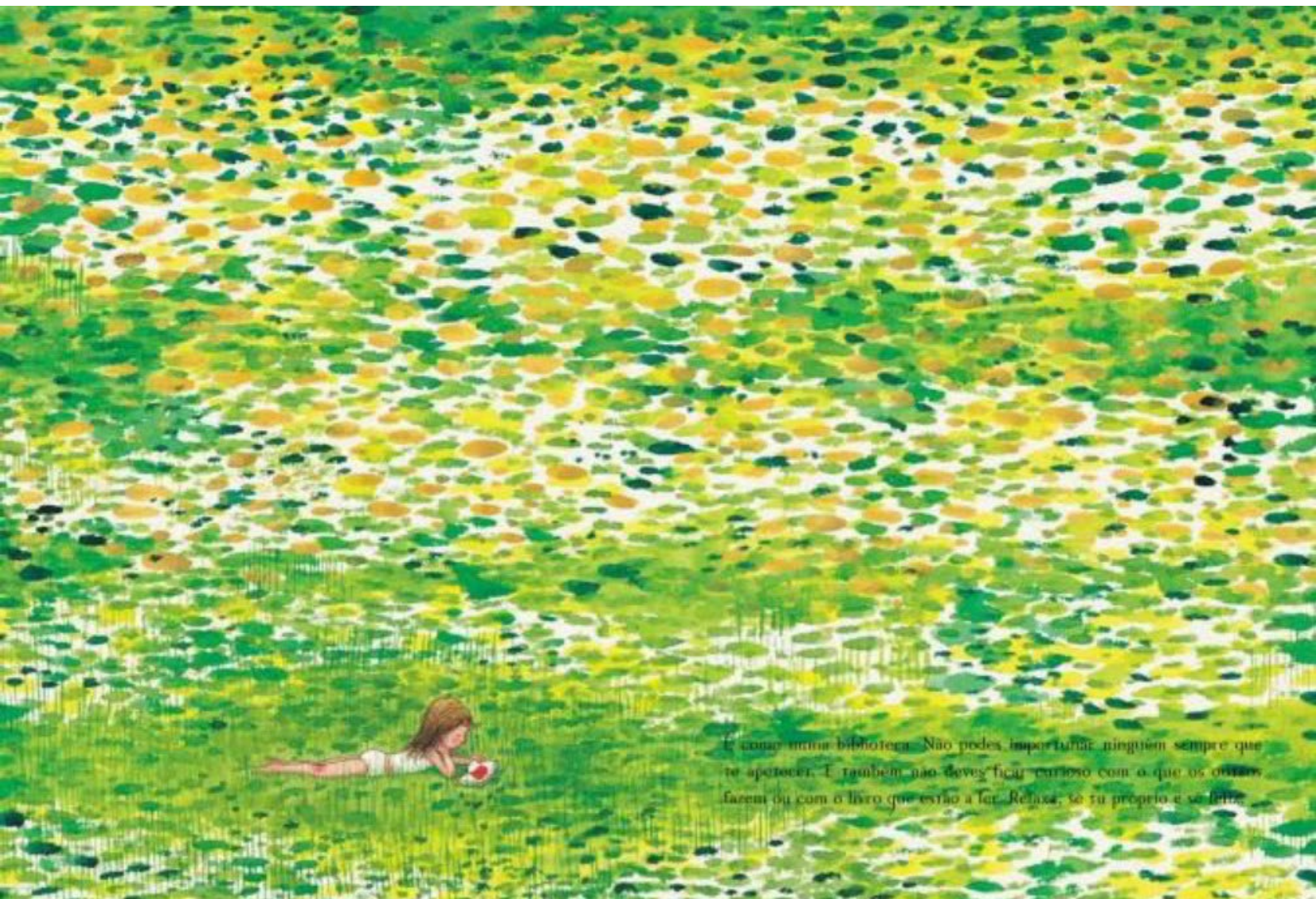
Todavia, essa associação imediata que é possível fazer-se ao olhar para a capa do álbum significa que o Planeta Tangerina procurou um trabalho que não colidisse com o seu projecto identitário.

Por outro lado é interessante que os leitores portugueses tenham acesso, através de uma editora que os habituou a surpresas vindas de dentro, a um título de uma editora independente francesa com um projecto coeso e de grande qualidade gráfica e temática.

Posto isto, vamos ao livro.

O principal desafio que é lançado ao leitor logo na página do título é o de encontrar todos os elementos de uma orquestra que decidiram partir para férias antes de um concerto. Para ajudar na busca, todos eles nos são apresentados nas guardas iniciais. Quando a busca começa logo se compreende que estes «Wallys» não vão ser fáceis de encontrar. A dimensão do objecto é superior à média e cada página dupla está pejada de figuras humanas em movimento e cheias de adornos. Entre elas, num desafio de proporções, há casas, veículos motorizados, animais, esplanadas, vendas de rua e diversas parafernálias de acordo com o local onde se encontra este ou aquele músico.

Tendo em conta que o pretexto do desaparecimento são umas inesperadas férias, cada página dupla apresenta o destino escolhido por um ou vários músicos através de um postal. É assim, depreende-se, que o maestro chega a cada cidade ou aldeia na tentativa de encontrar, um a um, todos os elementos da sua orquestra. O postal é essencial para situar geograficamente o leitor e para suscitar a sua eventual curiosidade sobre aquele quadro e sobre o local. Tudo parece muito descontraído e natural tanto no texto como na ilustração mas há subtilezas a registar relativas ao património de cada região, seja ao nível do vestuário, da alimentação, das actividades económicas, do clima, da fauna ou da flora ou ainda de monumentos icónicos. Em paralelo podem imaginar-se narrativas várias para personagens e acções ali representadas. A profusão de elementos é tal que a leitura pede releitura uma e outra vez. No final, antes da ajuda das soluções nas guardas finais ainda há tempo para assistirmos ao concerto e de uma perspectiva que nos permite reconhecer não apenas todos os elementos da orquestra mas também pessoas, animais e objectos entre a assistência. Cada lugar de veraneio fez - se representar no espectáculo, fechando assim a narrativa com um propósito lúdico invertido e uma mensagem de universalidade.



É como uma biblioteca. Não podes importunar ninguém sempre que te apetece. E também não deves ficar curioso com o que os outros fazem ou com o livro que estão a ler. Relaxa, só tu próprio e os teus livros.

L

b

josé saramago

i

o

saramaguiana

s

q

Entre 1979 e 1980 José Saramago andou pelo seu país de ponta a ponta para escrever *Viagem a Portugal*, livro de crónicas que seria publicado em março de 1981.

Não se trata de um guia de turístico, explicou o autor, mas de um relato subjetivo de um viajante atento que pelo caminho encontra-se com pessoas e lugares. «É um livro lento, de 400 páginas, menos lento do que eu desejava, porque o importante não é viajar mas estar num lugar. Ir de um lugar para outro é o menos importante. Viajar é outra coisa muito diferente de

fazer turismo e é sobretudo outro modo de estar. A minha viagem não é interior, mas sim uma forma de ver e de sentir. Neste sentido concordo com o Pessoa: viajar também é sentir», disse certa vez o escritor.

Para este número, a *Blimunda* publica excertos de *Viagem a Portugal* em que José Saramago narra a sua andança pela região de Lisboa.

Em Cascais foi o viajante ao Museu de Castro Guimarães para ver Lisboa. Parece despropósito, e é a pura verdade. Aqui se encontra guardada a Crónica de D. Afonso Henriques, de Duarte Galvão, em cujo frontispício uma iluminura de minucioso desenho mostra a capital do reino metida entre os seus muros quinhentistas. Embarcações de vários tipos e calado, naus, caravelas, batéis, navegam desencontradas mas sem abalroarem. O iluminador não sabia muito de ventos, ou sabia tanto que os manejava à vontade. Tem o museu mais que ver, mas ao viajante interessava particularmente a antiga imagem duma cidade desaparecida, urbe submersa pelo tempo, arrasada por terremotos e que, enquanto cresce, a si mesma se vai devorando.

Estas terras marginais são predilectas do turismo. O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar. Por isso se há-de compreender que passe sem particulares demoras por estas amenas praias, e se nas ondas pacatas do Estoril decidir dar breve mergulho, fique este sem menção. É certo que o viajante gosta de parques e jardins, mas esta falda

florida que do casino se estende até à praia não está ali para passeios, é como um tapete de palácio, à volta do qual respeitosa­mente desfilam os visitantes. E quanto às sossegadas ruas que nas íngremes encostas se entretecem, tudo são muros e portões fechados, barreiras e biombos de luxo. Aqui não é Lamego, não vai aparecer um homem meio embriagado a oferecer um quarto para dormir e a trocar ideias sobre os destinos supremos da humanidade. O viajante lembra-se de que perto foram encontrados restos de ossadas e crânios, ocultos durante milhares de anos, de mistura com machados de pedra, goivas e enxós, e outros miúdos objectos úteis ou rituais; depois olha os hotéis sumptuosos, o jardim desamável, os passantes e passeantes, e definitivamente convence-se de que o mundo é complicado. A originalidade da conclusão vale o registo que o viajante recusa ao mergulho no mar e que igualmente recusaria se no casino tivesse levado a banca à glória.

Enfim, para a frente é que é Lisboa. Mas antes de cometer o feito, que no fundo da alma o está intimidando, o viajante irá a esta povoação ribeirinha chamada Carcavelos, para ver o que só bem poucas pessoas conhecem, do milhão delas que em Lisboa vivem, dos muitos milhares que ao banho na praia vêm, isto é, e concluindo, a igreja matriz. Por fora ninguém daria nada por ela: são quatro paredes, uma porta, uma cruz





em cima. Um espírito jansenista diria que para adorar a Deus não se requer mais. Ainda bem que assim não entendeu quem desta obra decidiu. Lá dentro, está uma das mais magníficas decorações de azulejos policromos que o viajante teve diante dos seus privilegiados olhos. Exceptuando a cúpula sobre o transepto, todas as paredes, todos os arcos, todos os vãos se encontram revestidos dessa matéria incomparável, hoje tão desgraçadamente usada. Vivendo perto, o viajante voltará aqui outra vez, e muitas. Não cabe maior louvor.

(...)

O viajante vem para a rua, é um viajante perdido. Aonde irá? Que lugares irá visitar? Que outros deixará de lado, por sua deliberação ou impossibilidade de ver tudo e falar de tudo? E que é ver tudo? Tão legítimo seria atravessar o jardim e ir ver os barcos no rio como entrar no Mosteiro dos Jerónimos. Ou então, nada disto, ficar apenas sentado no banco ou sobre a relva, a gozar o esplêndido e luminoso Sol. Diz-se que barco parado não faz viagem. Pois não, mas prepara-se para ela. O viajante enche de bom ar o peito, como quem levanta as velas a apanhar o vento do largo, e ruma para os Jerónimos. Bem fez em ter usado linguagem marinheira. Aqui mesmo à entrada está, à mão esquerda, Vasco da Gama, que descobriu o caminho para chegar à Índia, e, à direita, a jacente estátua de Luís de Camões, que descobriu o caminho para chegar a Portugal. Deste não estão os ossos, nem se

sabe onde param; de Vasco da Gama, estarão ou não. Onde parece que há alguns verdadeiros é lá ao fundo, à direita, numa capela do transepto; aí estão (estarão?) os restos de D. Sebastião, outras vezes falado neste relato. E de túmulos não falemos mais: o Mosteiro dos Jerónimos é uma maravilha de arquitectura, não uma necrópole.

Produziram muito os arquitectos do manuelino. Nunca nada mais perfeito que esta abóbada da nave nem tão arrojado como a do transepto. Tantas vezes tem feito profissão de fé numa certa bruteza natural da pedra, e agora vê-se rendido diante da decoração finíssima, que parece renda imponderável, dos pilares, incrivelmente delgados para a carga que suportam. E reconhece o golpe de génio que foi deixar em cada pilar uma secção de pedra despida de ornamento: o arquitecto, isto pensa o viajante, quis prestar homenagem à simplicidade primeira do material, e ao mesmo tempo introduziu um elemento que vem perturbar a preguiça do olhar e estimulá-lo.

Porém, onde o viajante entrega as armas, as bagagens e as bandeiras é sob a abóbada do transepto. São vinte e





cinco metros de altura, num vão de vinte e nove metros por dezanove. Não há aqui pilar ou coluna que ampare a enorme massa da abóbada, lançada num só voo. Como um enorme casco de barco virado ao contrário, este bojo vertiginoso mostra o cavername, cobre com as suas obras vivas o espanto do viajante, que está vai não vai para ajoelhar ali mesmo e louvar quem tal maravilha concebeu e construiu. Corre outra vez à nave, outra vez o arrebatam os fustes esbeltos dos pilares que no topo recebem ou dele fazem nascer as nervuras da abóbada como palmares. Deambula de um lado para outro, entre turistas que falam metade das línguas do mundo, e entretanto decorre um casamento, diz o padre as palavras costumadas, está toda a gente contente, oxalá sejam felizes e tenham os meninos que quiserem, mas não se esqueçam de os ensinar a gostar destas abóbadas em que os pais mal repararam.

(...)

Está bom tempo em Lisboa. Por esta rua se desce ao jardim de Santos-o-Velho, onde uma contrafeita estátua de Ramalho Ortigão se apaga entre as verduras. O rio esconde-se por trás duma fiada de barracões, mas adivinha-se. E depois do Cais do Sodré desafoga-se completamente para merecer o Terreiro do Paço. É uma belíssima praça de que nunca soubemos bem o que havíamos de fazer. De repartições e gabinetes de governo já pouco resta, estes casarões pombalinos adaptam-se mal às novas concepções dos paraísos burocráticos. E quanto ao terreiro, ora parque de automóveis, ora deserto lunar, faltam-lhe sombras, resguardos, focos que atraíam o encontro e a conversa. Praça real, ali ao canto foi morto um rei, mas o povo não a tomou para si, excepto em momentos de exaltação política, sempre de curta dura. O Terreiro do Paço continua a ser propriedade do D. José. Um dos mais apagados reis que em Portugal reinaram olha, em estátua, um rio de que nunca deve ter gostado e que é maior do que ele.

O viajante sobe por uma destas ruas comerciais, com lojas em todas as portas, e bancos que lojas são, e vai imaginando que Lisboa haveria neste lugar se não tem vindo o terramoto. Urbanisticamente, que foi que se perdeu? Que foi que se ganhou? Perdeu-se um centro histórico, ganhou-se outro que, por força do tempo passado, histórico se tornaria. Não vale a pena discutir com terremotos nem averiguar que cor tinha a vaca de que foi mungido o leite que se entornou, mas o viajante, em seu pensar vago, considera que a reconstrução pombalina foi um violento corte cultural de que a cidade não se restabeleceu e que tem continuidade na confusa arquitectura que em marés desajustadas se derramou pelo espaço urbano. O viajante não anseia por casas medievais ou ressurgências manuelinas. Verifica que essas e outras ressuscitações só foram e são possíveis graças ao traumatismo violento provocado pelo terramoto. Não caíram apenas casas e igrejas. Quebrou-se uma ligação cultural entre a cidade e o povo dela.

(...)

Agora é que o viajante vai a Alfama, disposto a perder-se na segunda esquina e decidido a não perguntar o caminho.

É a melhor maneira de conhecer o bairro. Há risco de falhar qualquer dos lugares selectos (a casa da Rua dos Cegos, a casa do Menino de Deus, ou a do Largo Rodrigues de Freitas, a Calçadinha de São Miguel, a Rua da Regueira, o Beco das Cruzes, etc.), mas, andando muito, acabará por lá passar e entretanto ganhou encontrar-se mil e uma vezes com o inesperado.

Alfama é um animal mitológico. Pretexto para sentimentalismos de várias cores, sardinha que muitos têm querido puxar à sua brasa, não barra caminhos a quem lá entra, mas o viajante sente que o acompanham irónicos olhares. Não são os rostos sérios e fechados do Barredo. Alfama está mais habituada à vida cosmopolita, entra no jogo se daí tira alguma vantagem, mas no segredo das suas casas deve rir-se muito de quem a julga conhecer por lá ter ido numa noite de Santo António ou comer arroz de cabidela. O viajante segue pelos torcidos becos, este em cujas casas de um e outro lado quase os ombros tocam, e lá em cima o céu é uma frincha entre beirais que um palmo mal separa, ou por estes inclinados largos cujos desníveis dois ou três lanços de degraus ajudam a vencer, e vê que não faltam flores nas





janelas, gaiolas e canários dentro, mas o mau cheiro dos esgotos que na rua se sente há-de sentir-se ainda mais dentro das casas, algumas onde o sol não entrou nunca, e estas ao nível do chão só têm por janela o postigo aberto na porta. O viajante tem visto muito de mundo e vida, e nunca gostou de achar-se na pele do turista que vai, olha, faz que entende, tira fotografias e regressa à sua terra a dizer que conhece Alfama. Este viajante deve ser honesto. Foi a Alfama, mas não sabe o que Alfama é. Contudo, não pára de dar voltas, de subir e descer, e quando enfim se acha no Largo do Chafariz de Dentro, depois de se ter perdido algumas vezes como decidira, vem-lhe a vontade de penetrar outra vez nas sombrias travessas, nos becos inquietantes, nas escadas de quebra-costas, e ficar por lá enquanto não aprender ao menos as primeiras palavras deste discurso imenso de casas, de pessoas, de histórias, de risos e inevitáveis choros. Animal mitológico por conta alheia, Alfama vive à sua própria e difícil conta. Tem horas de bicho saudável, tem outras em que se deita a um canto para lamber as feridas que séculos de pobreza lhe abriram na carne e este não encontra maneira de curar. E ainda assim estas casas têm telhado. Por esses arrabaldes não se fecharam os olhos do viajante a lugares de habitar que dispensam telhado porque não chegam a ser casas.

Um euro.

Casa Fernando Pessoa Fundação José Saramago

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada. O desconto
tem a validade de 10 dias.**

10
ANOS
YEARS
AÑOS



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org



Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



EGEAC

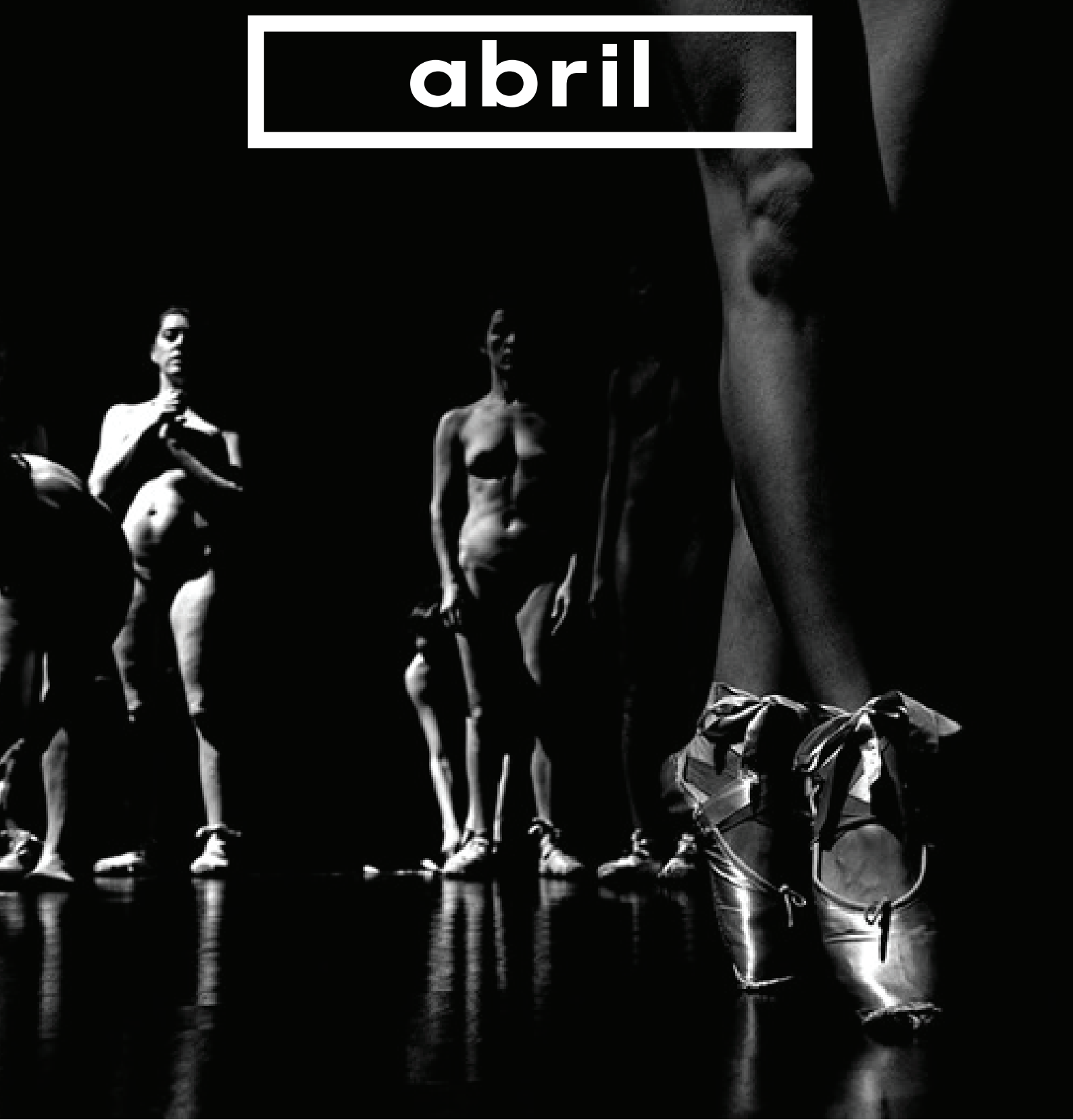
Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com





abril

**ATÉ
29 ABR**

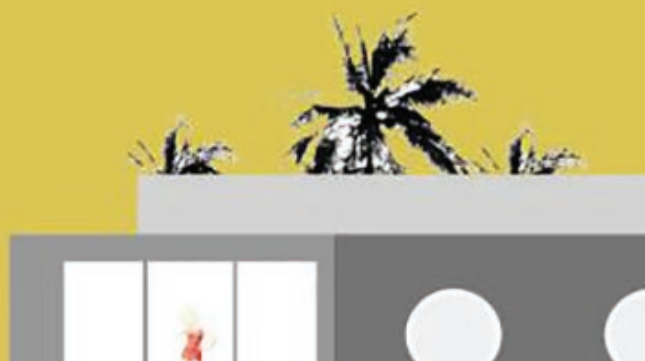
Ensaio Para uma Cartografia

Espetáculo de Mónica Calle que retoma trabalhos recentes, pondo em evidência a experimentação, a vulnerabilidade dos corpos em palco e a intensidade da palavra dita. Lisboa, Teatro Nacional D. Maria II. [→](#)

**ATÉ
06 MAI**

Toulouse-Lautrec y los placeres de la belle époque

Exposição que reúne vários cartazes desenhados por Toulouse-Lautrec e alguns artistas seus contemporâneos entre o fim do século XIX e o início do século XX. Madrid, Fundacion Canal. [→](#)



**ATÉ
10 JUN**

O Mergulho

Fotografias, colagens e composições criadas a partir de computador recriam lugares do Rio de Janeiro, vistos pelo fotógrafo paulista Almir Reis. Rio de Janeiro, Via Sete Arpoador. [→](#)

**ATÉ
26 AGO**

Gente da Amadora – História e memória ilustradas

Depois do cartaz que elaborou para a última edição do Amadora BD, Nuno Saraiva reúne agora as personagens reais que nasceram ou viveram na Amadora, numa exposição que mostra parte da história [→](#)

**ATÉ
16
SET**

Lisboa, Cidade Triste e Alegre. Arquitetura de um livro

Exposição criada a partir do livro homónimo, publicado nos anos 50,
pelos arquitetos Victor Palla e Costa Martins. Lisboa, Palácio Pimenta.



**24 ABR
A
6 MAI**

XIX Mostra de Teatro Universitário

Mais uma edição do festival teatral que coloca em diversos palcos de
Compostela as companhias teatrais das Universidades de Santiago de
Compostela, Vigo e Corunha. Santiago de Compostela, vários lugares.



**26 A
28 ABR**

Noite

Espectáculo de dança criado a partir da obra poética de Al Berto, com autoria de André Braga e Cláudia Figueiredo, da Circolando.
Porto, Teatro Helena Sá e Costa. ➔



**26 ABR
A
6 MAI**

Indie Lisboa

15ª edição do festival de cinema independente de Lisboa com as habituais secções de competição e muitos outros filmes programados para diferentes salas. Lisboa, vários lugares. ➔

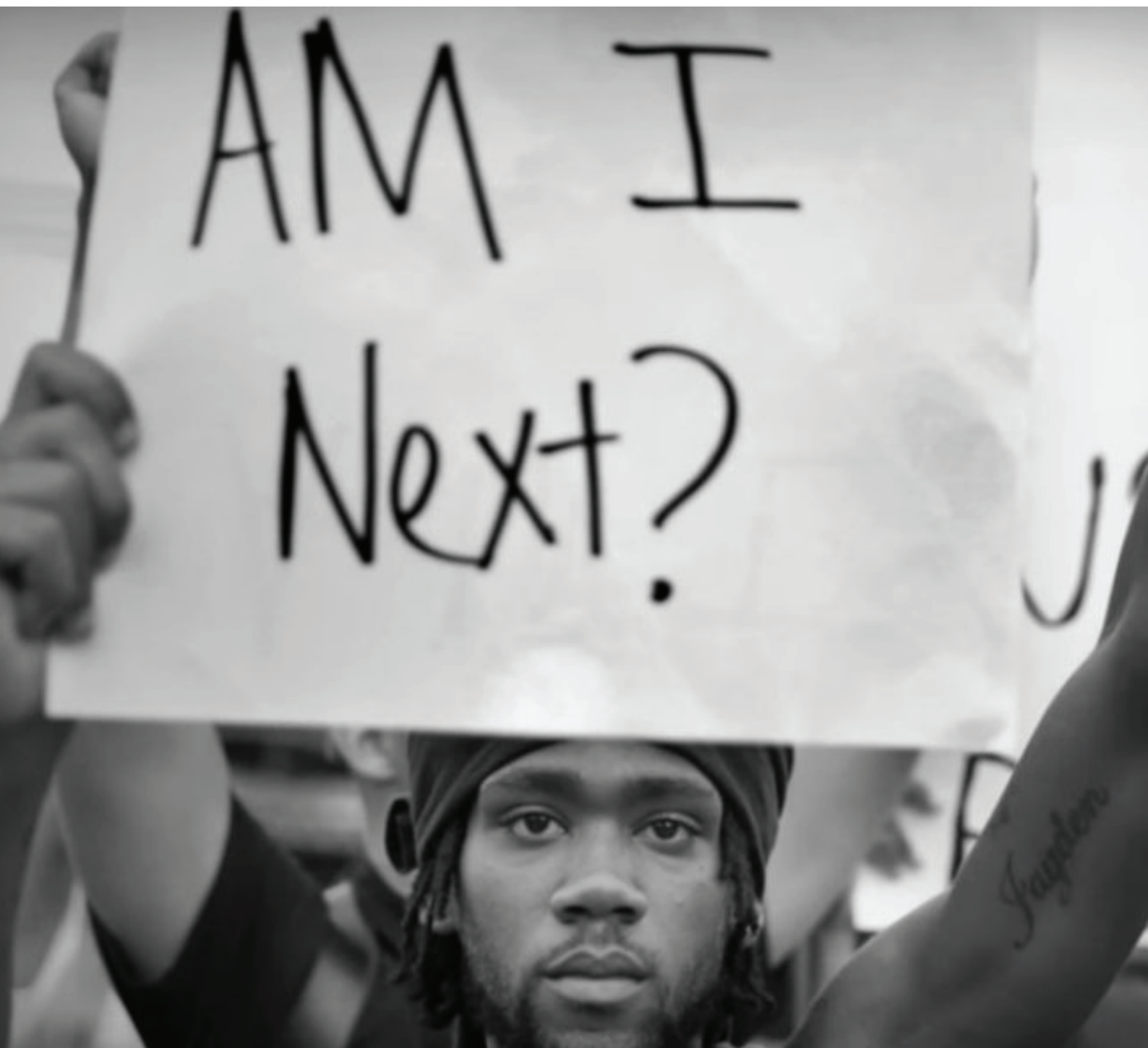


GROS CHAGRIN, CÉLINE DEVAUX

**30
ABR**

Décima terceira emenda

Exibição do filme de Ava DuVernay sobre os direitos humanos nos Estados Unidos da América, inserida nas comemorações do 25 de abril. Coimbra, Teatro da Cerca de São Bernardo. [→](#)



**11 A
12 MAI**

Primera Persona

Festival multidisciplinar organizado pelos escritores Kiko Amat e Miqui Otero, reunindo autores de várias áreas artísticas. Barcelona, CCCB. [→](#)

Lisboa é uma cidade deserta. Ainda andam por aí patrulhas do exército, com apoio aéreo, de helicópteros, como em Espanha e França se praticou quando se deu a ruptura e durante aqueles conturbados dias que se seguiram. Enquanto não vierem a ser retirados, o que se prevê será feito vinte e quatro horas antes do momento previsível do choque, os soldados têm por missão velar e vigiar, embora verdadeiramente não valesse a pena, uma vez que todos os valores foram, a seu tempo, levados dos bancos. Mas ninguém perdoaria a um governo que abandonasse uma cidade como esta, bela, harmoniosa, perfeita de proporções e felicidade, como inevitavelmente dela se há-de dizer depois de ter sido destruída.

A Jangada de Pedra

José Saramago